Timor
fantasma do oriente

pelo Alferes
Ant. Metello

TIMOR
FANTASMA DO ORIENTE

A' Anna Maria para não ler
quando souber ler oferece o
Ti' Antonio

TIMOR
FANTASMA DO ORIENTE

PELO

ALFERES ANTONIO METELLO

Ex-Comandante Militar do Suro e Lautem-Sul

BIBLIOTÉCA DE ACÇÃO NACIONALISTA

DEPOSITARIOS:
LUSITANIA EDITORA, LIMITADA
ARCO DO LIMOEIRO, 17, 1.º
LISBOA

A

ANIBAL DE AZEVEDO

Heroe da Grande Guerra
Heroe da Guerra-Contínua

para memoria do sofrimento de Timor.

A

JOÃO DE CASTRO

á sua inteligencia e á força magnifica da sua alma
em memoria das horas de sofrimento de São Julião da Barra.

I

O QUE EU VI...

I

Por ahi fóra... Por ahi fóra... Eu sabia lá! Nunca tinha partido. O mar era para mim o mar tenebroso das ilhas encantadas e até creei um Cabo das Tormentas, a Saudade, que me custou tanto a dobrar!...

Timor, lá longe, tão longe, que as mães cuidam que a vida não dá tempo para voltar! Timor!

E no meio do Tejo o barco holandês esperava a hora de arrancar o ferro, de me arrancar a mim. Era um meio dia de luz. Havia gaivotas, acenando como lenços e barcos á vela atravessando o rio. Manobras, apitos, lufa-lufa, holandeses quadrados, javaneses estranhos, de lenços de ramagens como corôas de louros, descalços, tisnados, a sorrir. O barco estremece, baloiça, singra.E eu de pé, hirto, amparado á farda, trouxe Traz-os-Montes, o Douro e o Marão até a beira do rio para lhes dizer adeus.

Rio abaixo, colinas de Lisboa, casas, zimborios, maravilha e o sol abraçado a tudo, doido, doido como um sultão com febre. E de uma banda e de outra a terra morta, escalvada, sem um gesto de arvore para lembrar a vida. Torre de Belem, maravilha, altura — nem sei dizer — os olhos rezam rendilhando a pedra! São Julião da Barra, esplanadas, grades, e os meus olhos pararam numa interrogação... Portas do mar. Cabo Espichel. Adeus!

E na neblina da distancia a sumir-se a Pena, emquanto no meu coração a pena ia crescendo. Nunca vi Portugal tão bem como naquela tarde de agonia de sol, de agonia de mim mesmo. A Saudade, o gigante Adamastor dessa viagem começou nessa mesma noite a meter medo.

Eu ia para Timor á aventura. Comissão de dois anos. Depois veria... Em minha casa chamavam-lhe degredo, Costa da Africa do Oriente, inferno.

Fui recordar a um compendio: Dilly, capital pantanosa, comandos militares, montanha, café, coqueiros, petroleo, sandalo, pau tinturial, ninhos de andorinha, peixe seco, chineses e indigenas timidos, desconfiados, falando imensos dialectos, alguns ainda rebeldes, pagando mal o imposto e cortando melhor, com afiadas catanas, as cabeças dos europeus.

Fiquei maravilhado e mal supunha então a mentira que pelos compendios andaram a escrever. Porque em Portugal tem-se uma impressão injustissima de Timor, terra de exilio profundo de morte, de sofrimento. E o exilio, faz medo, sôa a subterraneo até a mim que matei o dragão da lenda e que o ei-de trazer aqui morto deante de todos os que lerem. Timor foi sempre procurado como um El-Dorado por meia duzia de funcionarios militares e civis, que fizeram dele coisa sua e se reptiram e se associaram fazendo e creando aquilo a que eu chamo o «Fantasma do Oriente».

Campanha anti-patriotica, criminosa, de descredito, de sombra, chegando ao exagero de a manterem junto do estrangeiro, numa falta miseravel de orgulho, não fosse entrar em Portugal, via Holanda ou via Inglaterra, a verdade sobre aquela ilha encantadora. Timor maravilha!

Eu vou cumprir o meu dever e quando tiver dito tudo o que os meus olhos viram e o que a minha alma sensivel de beirão lá sentiu, eu terei conseguido

compensação perfeita para o monte de desgostos e de injustiças a que a politica do branco por lá me sujeitou.

Primeira tarde de bordo. Despedimo-nos do sol em *toilette*. Inumeros portugueses: fardas, smokings.

O deck animara-se e silhuetas curiosas de nordicos iam a passar, corpos abandonados, olhos côr de porcelana velha, cabelos irisados, loiros, em que o sol — rei do alto — á hora de entrar no Palacio do Mar, punha tons magnificos, pintando, doirando. Corpos novos, perfis estranhos, sem sentido, cruzavam o tombadilho, fitando o mar, fitando os portugueses. Puz no meu corpo mais linha, procurei o sol para que os doirados da farda rebrilhassem e para mim, para minha segurança, fui buscar á alma e trouxe até á beira dos olhos, para que os outros vissem, uma parada de figuras nacionais, em que havia espadas, arnézes, alta fé. Eu queria dizer — é de perdoar a vaidade — que havia em mim possibilidades de atavismos ou de Historia, que é o glorioso sangue azul de todo o português. Agitei Portugal como um pergaminho e de resto eu tinha de passar em atitude, em continencia, o mar das Descobertas, o caminho da India. Tentei servir de evocação. Puz no meu perfil — eu quiz ser estatuario de mim mesmo — para aquela platéia de estrangeiros — o recorte mais perfeito. Moreno, perfilado, hirto. Assim fiquei por largo tempo...

Em frente de mim passou um oficial, dolman agaloado, algumas medalhas no bolso, que no peito só trazia as anilhas das travincas. Ia a queimar os dedos com a ponta bregeira de um cigarro, parou e disse-me:
— Não esteja triste, alferes, a pataca sobe — e tinha entusiasmo nos olhos e na voz — sabe? a pataca está a nove tostões e meio. — Eu não sabia, eu tinha embarcado sem saber o que era a pataca.

Passavam mulheres continuadamente, em decote, em riso, em algazarra. «Ya,» «Ya,» e eu aprendi logo o holandês: «Ya,» «Ya,». O gong soava chamando para

o jantar. Sobre o mar como restos de naufragio baloiçavam-se reflexos perdidos do sol. O gong teimava, insistia. Que impressão santa deixou dentro de mim aquele som de bronze, parecia-me o sino de uma catedral, de um convento e ajudou-me a crear o ambiente de misticismo em que me cruxifiquei naquela travessia. Jantar de bordo. Luz, ventoinhas, cristaes. Cozinha holandesa, impossivel, extranha, de môlhos repugnantes, de ganso assado servido com compota. Alegria que ascende, feira andaluza e os "Ya" "Ya" surgem em toda a parte como ciganos. Não se ouvem as ventoinhas já. Mal se distinguem os ruidos dos cristaias. Champagne, entusiasmo, vertigem. E os meus olhos já vão bebedos duns olhos côr de barra do Tejo, que uma alemã trouxe da Alemanha para mim. E os meus olhos tinham que vencer aqueles olhos quebrados, abatidos, onde eu vi passar em paisagem de castelos e planicies sombrias um exercito derrotado, amarfanhado, esfarrapado.

Nessa noite vendo-a debruçada sobre o piano de bordo, pedi-lhe para cantar alguma coisa, que me ensinasse o que era a Alemanha. Cantou uma canção regional das margens do Rheno e diante de mim tornou a passar a paisagem sombria dos castelos e das planicies, com fantasmas de arvores suspensas, sonambulas. Cantou mais baladas, em que havia tregeitos, dôr e tragedia e sempre a paisagem nublada, de espectro, animada de perfis, que eram como fragas, silenciosas e resistentes. Cantou uma canção infantil e eu vi mãos cor de rosa e babys louros de expressões naturaes tão lindas — foi só na raça latina que eu vi expressões complicadas, extranhas, preocupantes, nos olhos das crianças! — e misses lendo á sombra de parques. Falou, falou muito num desiquilibrio curioso e fumou encantadoramente cigarros perfumados. Falou-me de Monte Carlo e ia para Java encontrar-se com o marido. Bebeu mais champagne. Tinha gostado de Lisboa. A côr do

céu é que lhe fazia mal, tinha medo que a fizesse parar na vertigem de touriste, que tinha sido a sua vida. O mar, delicioso, azul, era um mar de noivos e a minha alma sentia ainda, no esforço de uma mão que se alonga, a companhia da terra de Portugal. No Salão jogava-se o bridge, de *toilette* e cartas doiradas. No deck havia dança, *flirt*, movimento. C. V. Z. uma belga interessante, o capitão A. e eu fomos jogar o bridge. «Trefle» diziam elas, e nós os portugueses tinhamos sempre jogo em «cœur» ou «piques». Que saudades! que saudades!

Noite alta entramos nos beliches. Eu já sabia da holandesa, que encontramos em cada cama e porisso não extranhei a companhia. Chamam holandesa a um travesseiro a todo o cumprimento da cama, que apertamos contra nós e que serve para nos refrescar. A principio achamos extranho, embirramos mas acabamos por nos habituar e não podemos passar sem ela.

As maquinas trabalhavam com ruido e o cano da vigia fazia entrar um vento delicioso. De manhã fui acordado por gritos nos corredores: «Youngs, Youngs». Era a chamarem os criados e equivale ao nosso «Rapaz». Daí a pouco eu já chamava «Youngs» e um malaio sorridente atravessava a porta do beliche com chavenas de café dizendo: «Copi», «Copi».

Nós no bom humor do despertar daquela manhã de mar, impressionados com a extranheza da cara do criado atiravamos-lhes com um cumprimento de caserna, que era um insulto no melhor português. Não nos deixava o malaio sem resposta e retorquia amavel, procurando, numa lingua diferente da sua, uma maior aproximação comnosco: All right, All right.

O deck de manhã todo fresco da baldeação agrada, dá gosto de estar — o mar é muito lindo e os olhos encantam-se nos livros. «Good morning», «Bon jour», «Bom dia»...

São passageiros a passar. Vem o almoço, a sésta, o chá. A noite para mim vale por tudo, vinca mais os perfis e a luz põe manchas curiosas nos vestidos e pega fogo ás joias. Ha mulheres, que passam a arder em incendios altos. *Frauleins*, timidas corças passam assustadas diante dos olhos dos portugueses. Elas lá sabem porquê... Entre os passageiros de viagem paga pelo Estado português vae um casal curioso para a India. Ele, canarim puro sangue, olhos fuzilantes, barba á Guise, gravata vermelha e verde e por alfinete uma chapa com o escudo da republica esmaltado em côres. Ela gorda, excessivamente gorda. E os dois casados segundo o rito maçon. Ela — apesar do mar estar sereno, como um lago — não larga a cadeira, nem o enjôo e tem desejos extranhos de comidas e bebidas. Ele preocupa-se, agita-se, anda numa roda viva. desce ao beliche, traz frascos, vae ao "bar", atravessa muito ligeiro o deck com copos de agua, onde dissolve pós energicamente com uma colherinha de pau. A gorda bebe, bebe sempre, mas não arriba. Um alferes do lado aconselha bacalhau, infalivel contra o enjôo. Ele torna a passar, lepido, barba em riste... "Le noir des barbiches", riem as belgas. Eu chamo-lhe alquimista. E ele volta, dirige-se ao oficial de bordo: "Bacalhô, "Bacalhô pour madame". Eu empalideço, irrito-me e digo para o capitão A.: "deitamos o homem ao mar?"

Ha tipos estrangeiros, curiosos, a lembrarem "Chou crout", queijo e cerveja. Um holandês de oculos passa a assobiar. Porque falamos no deck com as estrangeiras as portuguesas cortam as relações comnosco. Quasi não damos fé. Passa uma holandesa queimando um cigarro delicioso. Oiço num grupo de portuguesas: "Que escandalo! Mulheres perdidas. A fumarem... Credo! Vim a descobrir que a presidente do comicio fumava tambem às escondidas no beliche,

tabaco ordinario em mortalha de alcatrão; fumava viciosamente até queimar os dedos e guardava as pontas para economia de cigarros...

A hélice arfava mar fóra. A bombordo Gibraltar, pata de Inglaterra no orgulho espanhol.

A estibordo o Norte de Africa, onde ainda os meus olhos viram a marca da asa do sonho português. Nevoeiro depois, cerrado, intenso e as sirénes abrindo caminho com apitos impressionando senhoras e meninos... Mediterraneo, lago azul, nem uma onda! Ao fundo cruzavam-se velas esguias, como punhaes, de piratas na vida. Costas de Africa. Pescadores de bronze tisnados, tirando nas redes maravilhas, joias de côr. Mediterraneo de sempre e a minha alma reconstruiu esquadras, que batalharam e foram movimento naquelas aguas adormecidas. Gregos, troianos, cartagineses. Tudo a minha alma foi buscar. E Napoleão tambem já tinha visto aquele mar... Passam barqueiros de Tunis em barcos atulhados de tamaras. As tunicas, os albornoses brancos calham bem sobre aqueles rostos queimados. Depois delta do Nilo inundando de azul o o mar azul. Aquela agua azul! Sangue do Faraòs. Imperio morto ao lado do mar Morto. Papirus, mumias, piramides. Depois a estatua de Lesseps a anunciar Port-Said.

Um dia de demora; os barcos cercam o barco; falam-se todas as linguas em interjeições, em gritos, em gestos. Vamos até aos caes em barco adamascado. Uma vaga de cicerones inunda, esmaga, aperta. Homens de saia, cabaia, fez côr de môsto na cabeça, gestos lentos de vadios, olhares espertalhões de vigaristas. Têm dedos nos olhos e olham a palpar as nossas carteiras. Falam todas as linguas numa algaraviada destrambelhada e, à coca, mal apanham uma frase nossa, num instinto, se vamos sem senhoras, com uma observação perfeita dos nossos habitos murmuram

pondo seduções e requebros na voz: «I know portuguese girl.»...

Compro cigarros, atravesso a cidade de automovel, mudo para uma tipoia, corro os bairros excentricos, as Mourarias de lá. A' noite queimo cigarros e tempo por esplanadas curiosas sobre o mar no meio de bebidas, mulheres e musica. Voltar para bordo é voltar da romaria... Tristesa, enfado, cansaço. Eu concluo: — navio parado é navio morto. E ás primeiras manobras de levantar ferro começa o navio a viver. Canal de Suez, dum lado e de outro areia, deserto sem fim em ondas, em reflexos, em morte. A bombordo Sinai erguendo-se á nossa vista e erguendo comoções na nossa alma. Arame farpado, trincheiras, restos de guerra, da guerra que para nós foi sofrimento sem sentido. O barco deslisando a passo de boi. De vez em quando dilata-se o Canal entrando nos lagos, e neles se crusam barcos. Pela margem abaixo, a estibordo, a linha ferrea por entre renques de arvores em terra e agua trasidas da distancia... O barco vai devagar, a agua mal estremece, que a areia da margem tem melindres e desiquilibrio. Camelos passam sonolentos, côr de muralha velha, scismando, corcovados... Camelos em fila... A saudade de Portugal recebe um lenitivo. Camelos, camelos... e fico-me a pensar no Terreiro do Paço.

Ao pôr do sol o meus olhos lambem o deserto. O sol tem histerismos de luz, congestões de sangue. E eu vejo e presinto pelas areias fóra, dobrados, rente aos camelos, os moharebs, os arabes voltados para Mecca. Uma vaga de misticismo atravessa a hora e o nosso sangue atraiçoa-nos, as nossas almas voltam-se tambem e quasi que resam.

O Canal á noite é diferente, extranho, misterioso: o holofote da prôa dá vida artificial, forçada, ás coisas de ali, que só conheciam a luz do luar e quasi sempre o alvor palido das estrelas. Mas fica curiosa a paisagem,

transformada, sonambula. O Canal termina, chegamos ao Mar-morto, o mar vermelho das algas.

A terra desaparece. Depois Aden: sal, calor, sêde. E o Mar das Indias? La vem! Atravessei-o num sonho. A vaga era mansa a principio, a acarinhar, depois houve tormenta, uma tormenta alta, em que o barco baloiçava rijamente. Baloiço de parafuso, chamavam-lhe os tecnicos do enjôo, hesitantes, enfiados, sem fé. O deck esvasiara-se de repente, encheram-se os beliches em pleno dia. A vaga cavara-se aglutinante, falsa. O vento dilacerava-se nas cordas. Bategas de agua ao longe, enxurradas, cataratas abrindo-se do céu... Nem um toldo na coberta. Na sala de jogo alguns mais resistentes bebiam grogs, champagne, muito aconselhado nos enjoos. V. Z. apareceu de gabardine a escorrer; aconselha-me o espectaculo da prôa e vamos. Tem-se melhor a impressão do naufragio, o baloiço ali é maravilha: ora nas alturas dos mastros, ora no meio do mar. Ha a impressão que se vai a mergulhar para sempre na agua, que se abre em concha, em traição, em ansia. Ha cutelos de agua, acima de nós, rasantes, ha correntes de mar torcidas, em excesso, em raiva, em loucura. A proa range e é atirada ao ar e a espuma salta, abre docel e faz esteiras de brancura e de estalidos. O ar turva-se é da côr do mar indeciso, neutro, torvo. Os mastros estalam e a cavalgada do vento passa a querer arrastar-nos no sorvedouro. O barco parece um monstro atordoado; a vaga entra lambendo e varre tudo. Agarramo-nos aos ferros. V. Z. ri nervosamente, mas segura de si: já tinha tido daquelas sensações em Mont'Carlo...

Depois a furia passa, o mar acalma e veem os dias lindos de sol do Mar das Indias. Passa-se o equador em brincadeira, em riso: jogos, bailes de costume, jantares de festa. Á noite o mar é uma tragedia. Eu sinto melhor naquele mar o Alcacer-Kibir da nossa Raça:

sangue, batalhas, heroicidade, soldados, marinheiros que hão de repetir-se, que Afonso de Albuquerque ha de voltar tambem como D. Sebastião.

Ha alfanges curvos, cruzes de Cristo a afundarem-se, vozes de comando a perderem-se. A vaga tudo fixou e tuda grita: orações, guitarras, corpos de moiras e o corpo de Rui Dias a baloiçar, como um trapo... Ha incendios, clamores de bombardas, tempestades em apotéose ás naus e galeões!

Tocamos em Colombo. Ceilão é irmão da India. Saímos todos e eu noto, que quem pisa o chão com mais segurança são os portugueses, mesmo os que não pensam, mas que sentem sò. *Rink-Shaws*, caras negras e corvos, muitos corvos por toda a parte crocitando, intranquilisando a minha alma, num agoiro, numa preocupação. É que são aves da morte os corvos. A vegetação assombra faz pensar, faz ter medo. Por todo o chão rompe em carga, em exagero, em panico. Está bem comparada a um incendio imenso, em que as chamas fossem verdes. Aromas, resinas, complicações, flores. Vejo palacios de Rajahs, trago ramos de canela e flores de magnolia. Visito templos de Budha e nos adros vejo arvores, que fazem arripios, arrefecer a gente quando passa, como se tivessem dentro uma alma em emanações, em ondas, uma alma, que tivesse sido muito desgraçada, que quizesse dizer alguma coisa... Restaurantes de luxo, sesteto, pankás, comidas estranhas, caril. Vejo parses coleantes de tunicas, de olhos fataes e de bocas vermelhas como incendios. São brancas, muito brancas. Ha uma parte da nossa alma, que fica morta para sempre, inutil para recordar outra coisa, que não sejam elas. E é bom trazer dentro de nós em companhia uma silhueta de parse, como amuleto, ou como inspiração de gestos. Monhés por toda a parte, bugigangas, kermesse, fakirs, peles de tigre, sobre que os nossos olhos imperadores se sentem bem.

Os indios gostam de nos ver e os seus olhos, por um presentimento, alargam-se encantados, quando passamos. Soubemos bater-lhe, soubemos tambem amalos. Na sempre orgulho em ser batido por herois e nós mostramo-lhes a belesa da vida, os gestos mais altos na guerra e no amor.

O barco mete carvão e parte. Os corvos acompanham-nos poisados nas vergas e nos mastros até ao horisonte, depois levantam vôo e pesadamente voltam a terra. Lá vamos... Passados dias de mar bonançoso surge-nos pela prôa Sumatra. Tocamos em Padang e em Sabang. Aspetos curiosos de paisagem, movimento, cristas, fragas e tudo embrulhado em ramos de arvores. Ambos são portos de carvão e neles tive a primeira impressão da colonisação holandesa que tanta admiração me mereceu. Mercado, casas de comercio, ruas limpas, agua a jorros e um club, edificio que existe sempre em qualquer povoaçãosita, em que vivam europeus. Em Dilly, em Timor não vi nenhum. Casas pequenas, meia dusia de divisões, com varandas protegidas por estores de bambu, um jardinsito em volta e flores. É tudo muito limpo, chão de cimento, paredes com azulejos, poucos moveis e a casa todos os dias lavada nas paredes e tudo. Ha crianças nos jardins, loiras, rosadas. E eu não percebi porque os filhos dos holandeses são sempre fortes e rosados, mesmo que vivam em altitudes minimas.

Eu, que detesto individualmente os holandeses, admiro profundamente a Holanda, porque vi a obra formidavel, que ela realisou em todas as Indias Neerlandesas, especialmente em Java. A esta ilha chegamos dias depois e desembarcamos em Batávia. Cidade enorme, curiosissima, ruas largas como campos, edificios interessantissimos, praças imensas. Estive em Java cerca de mês e meio e fiz demorados passeios pelo interior. Pude ver a obra imensa que na natureza e nos

homens realisou a Holanda. «The garden of the east» é o nome que-lhe dão os touristes; na minha sensibilidade marcou mais profundamente ainda, principalmente depois que a pude comparar com o atraso de Timor. Não ponho numeros nem estatisticas, nem a intenção deste livro é a de ser um relatorio, mas a de mostrar que vi, que senti e a de afirmar que com orientação, com processos inteligentes e com vontade se pode realisar tudo na vida. Talvez um dia fale particularmente sobre Java e direi então a torrente de detalhes e de aspetos que a minha sensibilidade fixou.

Java é uma demonstração, deviam conhece-la todos os nossos coloniais, mas conhece-la bem, não do hotel, da casa dos monhés, ou do consulado, mas no interior, na terra, na montanha e conhece-la com vontade de a perceber na evolução completa da sua realisação. Quando se vê é necessario reparar no esforço, no inicio, na luta, que se gastou para realisar.

Nem uma gota de agua sem aplicação: comportas, diques, canaes, caneiros de rega, levadas para fabricas. Nem um palmo de terra desaproveitado: plantações em regra, em belesa, imensas, como uma legião, avassalando, conquistando tudo. Nem uma sombra de arvore, sem utilidade: ou para proteger crianças, ou para proteger cafeseiros. Industrias por toda a parte. Prados extensos com gado a viver. Movimento por todos os lados, carros, camions, comboios, canos de fabrica, os caes sempre repletos. Em toda a parte, nas vertentes, nos cimos, povoações europeias, muito brancas, cercadas de luz e de flores. Estradas maravilhosas, sem uma falta, sem uma cova, lá no interior, lá longe, couraçadas de piche, onde os automoveis deslisam, como sobre asfalto, não ha cotovelo perigoso em que não haja uma guarda de marcos ou de varões de ferro cobertos de tinta branca! Cidades no interior, maravilhosas, com hoteis, jardins, clubs, palacios. Eu sei que

o javanês é uma raça de qualidade, de tradições, de historia, de literatura e de arte; mas eu tambem não quero fazer tanto em Timor, que se o quizesse tambem poderia abrigar esse sonho. Quem fez aquela obra foi a natureza; houve apenas um chefe, um sentido de chefes, que orientaram, que dominaram essa força. Estou seguro quando afirmo: — que Timor pode ser semelhante a Java. Basta que os governos queiram por vontade ou por qualidade. O timorense não percebe por que não lhe ensinam, não trabalha porque não precisa de gastar, ou porque o não obrigam. Vivi junto dos habitantes mais atrasados de Timor e por isso afirmo, porque bem os estudei, que tudo se pode conseguir deles.

Eu sei da resistencia passiva, irritante e desanimadora, mas tudo se vence porque tudo venci, no que quiz, como comandante e amigo deles. Foi pouco? Foi muito? Foi o suficiente para ter esta certesa. Nos que encontrei mais dificuldade, quasi que impossibilidade, foi nos que sabiam falar português. E é por essa observação, que eu concluo, que só deve haver uma lingua oficial em Timor, o tétum, para todos os indigenas e para cambio de portugueses com indigenas. Português só em casos especialissimos se deve ensinar. Não é pelo receio curioso de alguns á espionagem indigena.

É que o timorense que tem uma alma diferente, percebe mas não sente o português e assim deturpa tudo, intenção e significado. Com uma lingua cria-se uma alma e pelo que disse, daquele equivoco, daquela confusão, resulta no indigena, que fala e escreve português, uma alma com um caracter deformado. É este o efeito profundo; ha outros superficiaes, mas de grande importancia tambem. Ele ouve mas não entende certas conversas e interpreta-as duma maneira perigosa para a sua educação. Por outro lado é considera-los

muito, ter menos respeito por nós, desfazermo-nos um pouco do prestigio de misterio, que temos de manter sempre perante esta gente.

Eu faço esta afirmação clara: não se deve ensinar português aos indigenas. Nas outras Colonias não sei. Em Timor é assim. E vamos a descobrir a razão que influenciou no sentido de lhes ensinar português. Foi a preguiça, só ela: «Vou lá massar-me a aprender tétum... Eles que aprendam português.» Ora isto é injusto e prejudicial. É ou não é a nós mais facil aprender, do que a eles? E para se governar bem um povo é preciso entende-lo e nem que se conseguisse que todos os timorenses soubessem bem o português nós os perceberiamos bem. Ha palavras especiaes e sentidos especiaes. E todos os que tem estado em Timor sabem o nevoeiro, que cerca sempre as conversas dos indigenas, que melhor falam o português. Podem falar-me do interesse sentimental de que fiquem a falar a nossa lingua mesmo depois de perdida a nossa soberania. Acho inutil no caso particular, que trato. Seria motivo para uns versinhos e é melhor ficar na imaginação, que na boca e se formos grandes perante eles ficaremos para sempre na sua lingua, na sua lenda, na sua religião.

Os holandeses tambem só falam com os javaneses em malaio e não se tem arrependido.

Dizia eu que em Timor se pode conseguir o mesmo que os holandeses tem conseguido em Java. Noutro capitulo do livro o provarei e vamos fechar este parentesis e falar ainda de alguns aspectos das cidades de Java.

Gostei mais de Surabaia, do que de Batávia. Nesta ha mais arquitectura de casas e de ruas por ser cidade moderna, mas em Surabaia ha uma belesa especial de ruas, que encantou os meus olhos e acarinhou a minha alma. Os arredores, o bairro europeu, suplan-

tam os de Batávia. É um passeio maravilhoso á noite pelo bairro europeu, ou mesmo á tarde á hora dos kimonos e do chá nos terraços. As casas não tem o tipo repetido de Batávia, ha uma influencia japonesa na côr, na variedade, algumas já de primeiro andar, leve, gracioso. As casas são cercadas de plantas, que se desfazem em flores, de cores violentas — ia a lembrar-me das trepadeiras da Granja ou das roseiras dos Estoris. Nas ruas ha sombra, uma sombra simpatica, amiga, e o carro desliza sem uma trepidação, sem um ruido. Nos estofos dos carros as nossas fardas vão hirtas, gomadas, orgulhosas e as Frauleins olham docemente curiosas, paradas. Á noite é um deslumbramento no bairro, cada varanda gastando luz á doida, tem abat-jours diferentes, extranhos, violentos, em ramagens, em arabescos, estampados. Romaria de cores, nuances, maravilha, e dos quartos vem ondas de côr tambem dilaceradas em faixa pelas persianas. Nós somos tentados, atraídos e andamos ás voltas, a teimar, o *chaufeur* extranhando e nós em cabelo, palidos, queimando cigarros turcos, pensando no exilio, tornados doentes por aquele efeito fantastico de mil e uma noites, de mil e uma côres... Voltamos á cidade. Uma multidão compacta agita-se nas esplanadas dos restaurantes tomando gelados, sorvendo liquidos de cores complicadas emquanto o jazz-band esfarrapa o ar e sacode as almas.

Num aspecto diferente, mas tambem curioso vi em Singapura o bairro europeu com os *bungalows* mais severas, mas tambem em confusão de luzes e de côres, surgindo como pirilampos por entre as ramarias.

Em Batávia as autoridades foram amaveis comnosco e o vice-rei mandou pôr-nos um oficial ás ordens, um capitão holandês, simpatico. Assistimos no aniversario da rainha Guilhermina a uma parada do exercito de

Java. O aprumo dos soldados indigenas interessou-me e gostei da belissima carga de cavalaria, em que vi um tipo curioso de cavalo, creado em Java.

O Club Militar é sumptuoso. Nós, nem em Lisboa temos um! Nos anos da rainha houve nos terraços do Club um baile. Imenso movimento, fardas, sedas, *toilettes*. Os portugueses foram convidados e as nossas fardas azues por là andaram toda a noite apertando corpos de holandesas.

Batávia é a cidade mundana, Surabaia a cidade comercial e o contraste revela-se principalmente nas ruas da parte velha da cidade e no movimento do caes.

Em Java não ha *rink-shaws*, ao contrario das colonias inglesas, onde existem aos milhares. Os holandeses são mais humanos e sobretudo mais limpos que os ingleses. O *rink-shaw* é um carro leve para uma ou duas pessoas, de duas rodas de grande raio com um preto a puxar aos varaes. Impressiona ver um homem assim a fazer tão descaradamente de burro.

O processo de transporte é comodo e sobretudo barato, mas é deshumano e tem, como consequencia, morrerem quasi todos os coolies tuberculosos. Cada carro tem uma lanterna, que acendem à noite e então é curioso ver milhares de luzes, muitos milhares, crusando-se e correndo com grande rapidez em todas as direcções.

Houve um governador mais humano, em Singapura, que quiz terminar com os carros de dois lugares, que são os mais caros. Não o conseguiu. Foi um inferno de protestos e os coolies fizeram gréve, porque perdiam dinheiro, de modo que lá os continuam a puxar para que á hora de comer possam tambem puxar pelos cordões da bolsa em frente das tendas chinesas, onde petiscam o arrôs regado com chau-chau.

Uma das maravilhas de Java é o jardim botanico,

Buitenzorg, que é o melhor do mundo. Fica a umas horas de Batávia, na montanha e é tambem a residencia do Governador.

Os meus olhos de serrano admiraram a colecção de arvores, encantei-me junto dos nenufares do lago do Palacio e nas estufas senti a impressão mais extranha da minha vida.

Lá pude ver colecções preciosas, maravilhas de cultura, de transformação, mas o que foi imenso inesquecivel foi a visão das orquideas, diferentes, extranhas, — pobres orquideas das floristas do Chiado! — como nunca vi, em côr, em forma e principalmente em aroma, delicioso, intenso, alma complicada daquelas flores complicadas.

Tinhamos dado um jantar de despedida no Hotel, assistindo o consul, o secretario, a esposa, que era uma *half-cast* interessante e o oficial holandês. No fim o sexteto, por amabilidade, tocou o nosso himno. Puzemo-nos de pé: era Portugal! Era a primeira vez, que ouvia o himno da nossa terra no estrangeiro. Iamos partir, havia já um barco á nossa espera no caes. Eram vinte e tantos passageiros portugueses, quasi a lotação dos pequenos barcos, que fazem a carreira daquelas ilhas, e o comandante tinha içada a bandeira portuguesa. No caes ao passar vi centos de caixas empilhadas com rotulos enormes e li: *Port'wine produced in Spain*... — Eu que sou do Douro ia morrendo.

Subimos para bordo. Alguem que se despéde. Trazia amores perfeitos negros como asas enormes, no chapeu. Eu logo ali pensei que aquilo era presagio, que aquele amor havia de morrer como morreu...

Partimos. Java ficou para traz, realisada alta, vitoriosa. Dias depois tocamos em Madura, pequena ilha holandesa. Fui ver o templo budhista de Armada, com grandes tanques, dragões a vomitar agua, terra vermelha, arvores sombrias, mangustões deliciosos.

O barco vai em zig-zag tocando inumeras ilhas e em todas vi a marca holaudesa: crianças rosadas, agua a jorros, flores, clubs. Fixei Roti, onde ha um arabe curioso, amigo dos portugueses por já ter negociado em Dilly que tem na ilha um negocio de cavalos e vende panos regionais que fazem lembrar vagamente os de Arrás. Mais tarde a ilha das Flores. A entrada no porto desta ilha é magestosa, uma passagem apertada entre montanhas, cortadas a pique, com vulcões rentes ao mar, deitando fumo e enchendo as vertentes de enxofre. Ao fundo a vila muito linda, abençoada por tamarindos em flor. Esta ilha, que era nossa, ainda ha pouco foi vendida criminosamente por um governador de Timor para pagamento aos funcionarios em atraso. É criminosa esta surdês dos governos da metropole ás palavras das Colonias, mas nada justifica este gesto de criminoso ou de doido.

Quando a metropole teve conhecimento do caso exonerou o governador, que deixou Timor, preso no porão dum barco, morrendo a caminho da India. Quizeram depois rescindir o contracto, da-lo por nulo, por abuso de autoridade do governador em face das nossas leis, mas os holandeses, que tinham comprado barato não estiveram pelos ajustes...

Os habitantes desta ilha estão permanentemente em revolta e afirmam continuamente o desejo de voltarem para o dominio português. Cuido que é verdade isto, embora me custe ir contra a afirmativa dum funcionario de Timor, que o nega, firmando-se no caso de uma vez ter desembarcado na ilha e uns indigenas, que estavam na praia e que perceberam, que ele era português o não cumprimentaram, nem fizeram o mais leve gesto de cortezia... Eu sei, porque me foi contado pelo comandante militar da ilha, que sempre que alguma desgraça os aflige vão rezar junto dumas peças de artilharia muito velhas, que eram duma

fortalesa nossa e que lá ficaram abandonadas numas ruinas.

Timor aproxima-se. A parte holandesa primeiro com a sua capital Cupão. Desembarcamos.

Fiquei, como sempre, encantado com a limpesa das ruas e de casas e com a abundancia de agua, por toda a parte a correr. O bairro europeu é um encanto. Fazia lembrar Surabaia. Se Dilly fosse assim... pensava eu.

O recorte alto da serra, a projeção da costa por Timor fóra era uma maravilha, um espetaculo surprehendente. Eu estava ansioso pela parte portuguesa: as arvores haviam de ser doutra forma, ainda mais lindas, as casas, os pretos tambem... E foram pelo menos para mim, para a minha sensibilidade de guerra e de sonho. Passamos em frente ao enclave de Okussi. De manhã estavamos á vista da parte portuguesa. Pareciam maiores as arvores, mais azul o céu, mais rendilhada a costa e mais vermelhos os longes. Passa rente ao barco uma corcora, de bandeira portuguesa içada. Os tripulantes negros agitam os lenços e gritam a cumprimentar. Vamos andando... O mar não tem ondulação.

Os meus olhos vão pregados na paisagem. Tranqueira de Balibó—dizem-me do lado. Olho e vejo uma mancha branca a relampejar por entre a ramaria. Presidio de Batugade e sinto punhaes a fusilar nos olhos, de quem mo diz.

Se calhar ainda lá vou parar, pensei... Uma senhora a bórdo já me tinha ameaçado com a cadeia por eu não lhe fazer a continencia sem se lembrar que cá na tropa as senhoras são generaes, mas são só algumas... Pois não fui parar com os ossos ao tal Presidio, mas pouco faltou.

O barco navegava lentamente. O mar estava parado. Liquissá, telhados de zinco, coqueiros, calor. Ai-

pelo! E este nome sôa extranhamente, sinistramente — outro presidio. Pela prôa surge uma ponta de terra delgada e elegante. O farol — exclamam à minha volta. O farol de Dilly! Até ali se prova o desejo que certa gente tem da sombra de Timor.

Eu cuido que se fosse comandante dum barco tinha de acender uma vela na ponte para dar com o tal farol... Dobramos a ponta e surge a encantadora bahia. Nunca hei-de esquecer a curva magnifica de abraço, que ela tem. A montanha precipita-se por ali abaixo, tonta, verde, desorientada. Hospital, Lahane, casas brancas na praia, gondões, tamarindos, todos de flor vermelha, o Palacio de Dilly com o terraço cheio de colunas. Na praia em frente da Alfandega aperta-se gente, ha fatos brancos e fardas. Ao nosso encontro vem um gasolina a baloiçar e dentro um sargento de marinha a fazer gestos desesperados.

Já proximo o sargento grita para a amurada fazendo das mãos porta-voz: — «ó major diga ao comandante, que tire a bandeira que aquela gente cuida que é o governador.»

Este detalhe era Timor...

Desembarcamos depois de varias manobras. No caes, arcos de verdura para a recéção ao novo governador. Grandes efusões, abraços para alguns, cumprimentos de gente conhecida.

Não havia hoteis... Eram cinco horas da tarde. Oficiaes e empregados publicos passeiavam nervosos à espera do correio. Alguem se dirigiu a mim: — Você e fulano (outro alferes) vão para Lahane. «E o que é isso?» «Uns quartos vazios...» «E cama? e jantar?» «Disso não sei nada...» respondeu.

Oficiaes passavam lentamente... Felizmente não ficamos sem jantar naquela tarde.

II

O QUE EU SENTI...

II

Os olhos acordam na paisagem em sobresalto, em tortura. A paisagem de Timôr faz pensar e faz sofrer. Alguma coisa escorre de tudo, lentamente, silenciosamente. Ribeiras, montes, planicie, tudo os meus olhos viram em comoção. Gondões de Dilly de belesa maxima; tamarindos a escorrer sangue da luta das raizes; bambuaes da agua, *souples*, contentes, enseivados; bambuaes da terra do inferno, da fraga, da sêde, amarelos, estiolados, rangendo.

Lagos da beira-mar, lagos de lá de cima. Agua parada das florestas, negra da sombra, hipnotisante, cinica, onde singram em silencio de navalha crocodilos velhos. Pantanos, lagos da febre, onde ha ás vezes flores sensiveis como lirios. Pantanos, bocas abertas da terra, praguejando porque tem fome de terra. Florestas, onde o cavalo trota horas e horas, onde ha serpentes e sombras que ferem como ventosas. Monte Tumela de palavões brancos, alto já no frio, de troncos embrulhados em capas cinsenta de musgos. Monte Tumela, onde ha écos, que afligem e salteadores e distancia. Ravinas de Nunu-Mogue, em que se erguem as nossas sombras e vão de pé comnosco por ali abaixo. Fragas a pique sobre ribeiras, fragas, onde a aguia faz o ninho.

Gargantas eriçadas de bicos, onde habita a mancha azulada de nevoeiro, onde as alclalas dos indigenas

soam mais nitidas, mais recortadas e vão a estilhaçar em écos de fraga em fraga.

Alturas onde a agua cai em clarões de espuma. Kablac, embutido de fragas, em que ha legendas de sangue, historias de guerras e esculturas de gestos e perfis. Bela-Hito, lá no cimo, em que a tranqueira do régulo é feita de caveiras de rebeldes. Ribeira de Belulic, que tem um sentido e uma voz. Coqueiros, onde a nossa farda branca de colonial se sente bem. Matas de café, nevoeiro, humidade e as bagas dos cafezeiros dando luz como balões iluminados. Manadas de bufalos em galopadas pelas planicies fora. Iliômar, onde ha cavalos que comem gente... Veados. Povoações. Batuques.

Planicie de Fuiloro com ribeiras sem rumo e incendios misteriosos no capim. Mirante de Tutuala, o mais longe que se póde estar de Portugal. Calor dos areaes, sombra esfarrapada dos aquediros. Tudo grita dentro de mim em incendios, em alclala, em tempestade. Batuques, tebedais... Trouxe nos meus ouvidos o tam-tam monotono, que hoje com saudade recordo ainda. As danças enervam, os homens torcem-se, complicam o corpo e saltam em passos a compasso.

Á noite a fogueira lambe-os e dá um halo e uma côr maís selvagem aos seus corpos de selvagens. Trazem nas mãos espadas, ou ramos de palmeiras, ou panos de côr, os dorsos nus, as pernas nuas vestidos da luz vermelha das fogueiras. Horas maiores, que nunca esquecem. E nós sós, um branco só, naquela distancia de tudo e de todos, vestido de branco, queimando cigarros sem ninguem, sem o sol sequer, com o coração pisado em Portugal por um gesto de mulher de olhos negros, no exilio maior, mais sentido e na dôr da maior injustiça e da maior traição. Se os pretos me matassem...

Horas de sol. Planicies que levam horas e horas

em galope com muitas dezenas de cavaleiros atraz, liuraes, chefes, régulos, principes, multidão em gritos, em vivas, em algazarra, agitando plumas, tilintando escudos, espadas, azagaias. Os cavalos relincham doridos do sol, sacudindo guizos, bêbados de sêde. Havia perfis curiosos de guerreiros, de capacetes de prata, de colares de oiro e mutiçala, corpos cobertos de cabaias de seda, de panos berrantes a esvoaçar drapejando. Cavalos corcovando, orgulhosos de xaireis e uma sombra a correr na planicie dando mais relevo e mais bronze á cavalgada.

Surgiam ribeiras atravessadas a vau chapinhado, silhuetas de veado fugindo e pantanos que ficavam para traz cobertos de bufalos. Pedaços de sombra, florestas curtas e o nosso alarido punha no ar a esvoaçar de mêdo uma multidão de asas, onde havia incendios, e céu, e oiro, e purpura, e luz, e verde, e sombra, e delirio, e maravilha...

O capim crescia ás veses até ao pé dos olhos e os aquediros abriam a sua sombra amaldiçoada, que queimava mais, que dava mais sêde aos corpos.

Balisa do posto Militar: um sargento com a farda mais nova, de pé á beira do cavalo, hirto em continencia e mais chefes, e régulos, e gente. Havia gritos, aclamações, ajoelhar de pretos, caminhando ajoelhados para as nossas mãos. A cavalo tudo, e mais uns kilometros ainda, na mesma pressa, no mesmo scenario. Arvores, vegetação agricola, civilisação a aparecer nos caminhos, nos que passavam. Ruido de gongs e tambores. Numa volta surgia o Forte embandeirado e na muralha uma silhueta de soldado preto, pensativo, de espingarda ao hombro. Arcos de verdura, tapetes de folhas pelo chão, em arabescos, ao acaso. Filas de povo, vivas, alclalas, batuque, corpos dobrados em continencia. Os cavalos negavam-se, cheios de mêdo. A guarda de moradores do reino estendia-se em li-

nha, de coletes vermelhos e lipas escuras. O alferes-mór inclinava a bandeira, o tambor rufava e o sargento-mór gritava: continencia ao comandante, apresentar armas.

O largo da Tranqueira anima-se, ha danças, cantos, confusão.

Dahi a instantes vem ao Palacio do Comandante — pobre Palacio de palapa e bambu — os regulos, os chefes, as rainhas, as princesas. Beijam-nos as mãos, juram lealdades, pedem favores e conselhos e resoluções de justiças. Como somos brancos tudo resolvemos; e damos conselhos e exigimos trabalho e distribuimos aguardente. Todo o tempo que lá se esteja é de festa e não cessa o barulho, nem o tebedai. Vamos ver obras, hortas, plantações. Oferecem caçadas ao veado, a cavalo, à lança, com mulheres de sangue azul (lá dêles) tomando parte, correndo à desfilada, à loucura.

Noites de luar, clareiras, sombras. A floresta parece mais misteriosa e a agua tem reflexos dormentos; socegados. E nós nas nossas fardas brancas, subindo montes, descendo vales, com os cavalos assustados, impressionados, aflitos, parecemos almas penadas a vaguear de noite. Os passos do cavalo acordam vidas no mato e ha rastejar de cobras e esvoaçar atarantado de asas. Ha mais linha nos nossos corpos, que parecem bronzes em certos momentos de saudade. Vem dos pantanos um halito quente de bafio, de fermentação. Sombras pesadas passam; são bufalos indiferentes, tresnoitados, vagos.

O perfil dos aquediros suporta-se agora e os nossos olhos, seguindo-os parecem numa escola de desenho a traçar paralelas sobre o papel almaço da noite branca. Nas povoações uivam cães raquiticos e sombras a negro de marsupial ou gato bravo põem movimento e vida naquela noite morta. O tropear de cavalo sôa em

écos torturados. E nem um preto se encontra pelos ermos no receio de fantasmas.

Vesperas de basar com coros e danças toda a noite, num sapatear soturno.

Tabedai de Iliomar, de mais de cem mulheres, de gongs e tambores e colares de guisos nos tornoselos, batuque de guerra, que atroa os ares e põe comoções no sangue e musculos nas almas, que embriaga e lembra sangue e cabeças decepadas. Arvores imensas, isoladas nos cabeços, a branquejar de ossos pendurados como amuletos para a proteção dos deuses. Feiticeiras condenadas á morte pela justiça dos pretos, que vagueiam aterradas, suplicantes, perdidas... Cegonhas das varzeas, meditando sobre uma pata a cismar, a cismar...

Eu tudo lembro e agora, na distancia, vejo melhor e amo, e tenho saudade, uma saudade vaga, indefenida, uma pena de ter andado só por lá, sem um carinho de mulher que fosse luar naquela noite imensa, torturante de exilio.

Cruzeiro do Sul, em que a gente anda a crucificar os olhos toda a noite... Cruzeiro do Sul, Cruzeiro da Saudade a lembrar-nos a nossa terra, onde ha tambem cruzeiros nos caminhos. E tudo lá vai, lá vai para sempre em sofrimento!...

O timorense é de côr parda, de olhos muito negros, de cabelos corredios e feições perfeitas, o labio superior alongado por efeito da bola da masca, as orelhas carregadas de brincos e de aneis, o corpo todo desenhado de tatuagens. É manhoso, cobarde e preguiçoso. Tem permanentemente no rosto um rictus trocista, comum a estas raças do Oriente, mas natural, sem intenção. Mas apesar disso faz irritar a gente que vem habituada a outras caras.

O timorense é uma caricatura: uma fita estreita muito suja em volta da cinta, na intenção de tapar,

uma catana ao lado, uma ferida numa canela protegida por uma tira de pano que êles provocam e mantem por luxo, como em Portugal se usaram os bigodes à americana e ainda hoje os sapatos à papo seco, e um galo debaixo do braço. Trazem todo o corpo nu e às vezes um pano a que chamam *taes*, suspenso do hombro. É isto o timorense: uma mancha parda, uma ferida na perna, um galo e uma catana. A ferida, como disse, é por basofia; a catana serve para tudo desde cavar terra a cortar cabeças; o galo que é animal quási familia, vivendo junto deles, dormindo atado ao lantem, é creado desde pequeno neste habito, de modo que não extranha. Admirou-me a principio a serenidade com que os galos vivem assim, seguindo caminho fóra debaixo do braço dos pretos à laia de pasta de deputado, muito bem dispostos, de crista inflamada, cantando. Tiveram de perder o habito de bater as asas antes de cantarem, mas forçados pela tenaz do braço resignaram-se... Este carinho pelos galos resulta da sua utilidade para os combates de galo, que são a sua banca francesa, a sua maior excitação, o seu maior entusiasmo. São doidos por estes combates e chegam a perder nêles a cabeça e muitos valores. Ha grande animação, enchentes nos basares, em que se joga o galo. Os adversarios apostam bufalos, cordas de mutiçala, dinheiro e os galos são preparados de navalha afiadissima nos esporões, muito bem amarrada à perna numa direcção especial, que a tecnica e a espertesa ensinam. Ha mais umas ceremonias: saliva na lamina, palavras magicas, correr especial dos dedos sobre as penas. Colocam-nos no chão de modo cuidadoso, agarrando-os com as duas mãos, uma no papo outra nas penas da cauda e os braços numa curva especial: o braço direito muito levantado. Fazem isto com uma presunção, que lhes aumenta o ridiculo.

Os galos atiram-se um ao outro como leões...

Dahi a pouco escorrem sangue e um cahe, ou foge e o outro canta vitoria, que mal se ouve atravez do barulho ensurdecedor dos que ganharam, emquanto que os que perdem alongam as caras muito ridiculos, enfiados. São prohibidos os combates de galo nas povoações, só se consentem nas sédes junto dos Comandantes para impedir que degenerem, como quasi sempre, em combates de homens, por causa de algum incidente de batota. As vezes desobedecem e a ocultas, no mato, reunem-se jogando, principalmente se querem consultar o acaso da vitoria sobre qualquer caso da sua vida. Em vesperas de revolta contra nós ha combates especiaes de galos brancos contra galos pretos. Se vence o galo preto entusiasmam-se, deliram; se vence o galo branco impressionam-se tanto que chegam até a não se revoltar.

Ha muitos trucs e manhas nos donos dos galos para conseguirem a vitoria. Um dos donos, se vê que o galo adversario levou uma navalhada e está a escorrer sangue, levanta rapidamente o seu, fingindo que aperta o cordão, que ligava a navalha, indiferente por entre os assobios e protestos dos outros e mal vê o outro a cambalear de fraquesa pelo sangue que perdeu, coloca o seu rapidamente no chão que com um simples golpe de asa derruba ou faz fugir o inimigo. Outras vezes envenenam ou acidulam as navalhas com o suco de certas hervas para que a navalhada seja mais dolorosa ou mesmo mortal.

O timorense é o indigena com menos orgulho, com menos individualidade que conheço. Chega a irritar tanta condescendencia, tanta amabilidade deante de nós! «Como te chamas rapaz?» e êle responde pela certa: "Conforme V. Ex.ª..." «Quantas horas são?» "Conforme V. Ex.ª..." Perguntamos qualquer coisa e nunca respondem rapidamente.

Chegam a fazer desesperar principalmente quando

temos pressa, ou quando se trata de resolver justiças.

Nestas funções de juiz, atendi-os sempre com a melhor vontade, mas ás vezes era impossivel resolver nada: apareciam dois litigantes sem testemunhas, sem ninguem, não se dando ao trabalho sequer de arranjar testemunhas falsas, trabalho aliaz facilimo e vinham de muito longe para resolver uma questão convencidos que eu poderia advinhar. Eram dois só e um dizia uma coisa e o outro exactamente ao contrario. Manda-los embora? Eles haviam de sair dali com a questão resolvida . . . Por meio do interprete explicava-lhes: «Vocês vão os dois ali para o calaboiço e quando chegarem a um acordo e queiram responder certo sobre a questão, chamem o sargento morador e vem falar comigo.» Sairam condescendentes e dahi por cinco minutos já estavam de volta. «Eu falar mentira aquele falar verdade.» Assim resolvia eu facilmente e eles lá voltavam ás povoações muito contentes e com uma grande admiração pela minha inteligencia . . . Duma vez fui cruel, eu que sempre tive paciencia de Job para todos estes casos. O timorense nunca se lava a não ser quando atravessa as ribeiras ou quando apanha chuva. Estava um calor asfixiante e na Secretaria do Comando tratava-se duma justiça importante, de sensação e estava por isso tudo á cunha. Era uma questão ridicula no fundo, mas que a imaginação deles tinha guindado a um ponto culminante. Havia testemunhas a rôdos, jurando por Maromac e pela Bandeira, que diziam a verdade e outras tantas, jurando com o mesmo respeito, mas afirmando o contrario. Havia olhares aliciantes a quererem convencer-me e vi um frango nas mãos de um negro que disfarçadamente se chegava para mim a querer comprar-me . . Que mau habito o daquela gente!

Estive para lhe mandar bater, mas depois resolvi rir-me, irritar o homem e não reparar no frango, mes-

mo quando êle, estendido na mão do negro, estava quási em cima da minha secretaria, em cima do papel em que eu escrevia... O interprete, atanasado pelas minhas perguntas já suava, ameaçava ter sincopes. Estavamos ali havia duas horas. Levantei-me e disse-lhes: «Hoje não posso atender-vos Ide mais, tomar um banho todos, queixosos e testemunhas e depois voltai para acabarmos de resolver a questão.» Escusado será dizer, que nunca mais lhes puz a vista em cima...

A justiça do timorense era antes de nós, realisada, e ainda hoje o é, clandestinamente, pelos régulos, que em geral resolviam as questões mais por simpatia ou por interesse pessoal do que imparcialmente. Havia processos de julgamento e tribunaes curiosos. Em Loré ha uma lagoa de agua salgada, junto do mar à sombra negra da floresta, coalhada de crocodilos. O régulo da região resolvia as justiças da sua gente da seguinte forma: os individuos em litigio eram levados até à margem da lagoa com grande acompanhamento de personagens e multidão, chegados lá eram atirados à agua. O que fosse comido pelos crocodilos era o que não tinha razão: sucedia que às vezes eram comidos os dois e outras, ou porque os bichos estivessem fartos ou porque não estivessem socegados com aquela parada de gente tão perto da agua, sahiam ambos incolumes, escoado o tempo que o regulo achava bem para a prova. O misticismo, ou antes, a crendice da assistencia aceitavam como bons, altos e indiscutiveis qualquer dos casos. Sahiam dali em direcção às povoações em grande algazarra, contentes daquele pretexto para batuque, bebedeira e pandega. Os motivos principaes das suas questões são hortas que o bufalo do visinho invadiu e destroçou, incompatibilidade de genios de casa espedindo anulação de «barlaque» e principalmente infidelidades da parte da mulher. O queixoso apresenta-se neste ultimo caso de cara pendida,

desgostoso e com testemunhas de vista. A infiel nega geralmente o facto, e o queixoso insiste e pede indemnisação ao sedutor, pouca coisa, meia duzia de patacas, uma joia ou bufalo, para que êles possam lavar a cara da vergonha... Aceite o ajuste pela parte acusada, que raras vezes discute o preço, ali mesmo é entregue o dinheiro e lá se retiram na melhor harmonia, feitas as pazes do casal e depois duma série de ameaças feitas por nós ao D. Juan e duma torrente de conselhos sobre o dever da mulher, à adultera. Mas o timorense não se rala muito com estes casos de adulterio e se faz questão é apenas por causa da indemnisação. O sedutor paga o abuso com a mesma consciencia com que pagaria se tivesse usado sem autorisação do queixoso um artigo de vestuario, um cavalo, ou qualquer objecto de uso particular.

Podem acreditar na verdade da minha observação e deixem lá falar os que querem sentir no timorense puro algum sentimento espiritual de ciumė. Quando muito, pode haver uma irritação mecânica, material, por orgulho animal, mas quasi nunca. E se houver sofrimento é apenas pela falta que a mulher lhe faz na barraca como serviçal nos casos de abandono.

Procuram-nos tambem insistentemente para resolver sobre assuntos de barlaque (casamento), demora na entrega de dotes, ou no cumprimento de compromissos, ou por furtos, ou ainda por insultos e dividas. São uns massadores! O interprete tem de ser de toda a confiança, pois muita vez comprado por uma das partes troca tudo e encaminha o nosso veridictum a favor de quem quer. As mulheres indigenas a distancia são interessantes, tem perfis curiosos, maravilhas de colo e olhos negros, fundos, de encantar! Ao pé são um horror: as bocas vermelhas, ensanguentadas, nojentas da masca de betel, os cabelos brilhantes de oleo de côco ou de carmim, de cheiro insuportavel, o

pano sujo fermentando, o corpo exalando um cheiro a porcaria que dá tonturas e vomitos. A distancia e com vento contrario agrada ve-las passar com um vestido em saco, ou tunica, geralmente negro, seguro debaixo das axilas com os braços, num decote curioso. As indigenas civilisadas são mais suportaveis, principalmente as *half-cast*, resultados de crusamentos europeus ou chinas, pois tem habitos de limpesa e tem pela pele um tom trigueiro, branco-torturado, que interessa; usam umas saias estampadas, com ramagens de côres vivas a que chamam cambatis, umas blusas, ou cabaias de seda, meias de seda de côres excitadas, chinelas pequenas, tatuadas de lantejoulas e vidrilhos em arabescos simetricos. Tomam banho todos os dias, usam joias, pó de arroz, perfume no lenço e loção aromatica nos cabelos, que espetam de ganchos de prata ou de oiro e cobrem, para passeio, dum véo ou mantilha de seda. Sabem ler, escrever, coser, bordar e até dançar... valsas. Têm a mania então de encher de bordados, extranhos a nossa roupa... Trouxe de lá uma almofada que era uma pagina ilustrada com passaros, flores, coqueiros, coroas de rei e conde, bengalas, garrafas, o viajado coração atravessado por uma lança e até uma bacia de cama quasi de tamanho natural, tudo numa confusão e uma mistura de afligir... Estas tambem usam pasta dentifrica e fumam, viciosa e continuadamente, cigarros de tabaco regional. Escrevem cartas, com aplicações a um canto, de pombinhos de asas abertas, ou de mãos apertando-se no meio de gerbes de flores, bucolismo de importação nacional e chamam-nos encanto, sol ardente, Deus e colibri... Estes nomes fizeram-me lembrar sempre o idolatrado de cá.

O indigena tem principalmente o culto das almas dos antepassados, mas adora tambem certos objectos, arvores, ribeiras e lugares a que chamam lulics, que significa sagrado. O crocodilo é um dos animaes sa-

grados, são incapazes de matar nenhum, é mais facil deixarem-se comer por eles do que fazerem-lhes mal; e é sempre com receio e desgosto dêles, que nós fazemos tiros sobre alguns que aparecem. Numa ribeira de Lautem, e julgo que noutras, os indigenas sempre que matam alguma rês, vão deixar junto dela uns pedaços de carne para o crocodilo, a que chamam avô, comer e para que fique contente e os proteja. A's vezes o crocodilo tendo apanhado qualquer caça, um porco ou veado descuidado á beira da agua, come-o na margem e porque se afastou deixa uns pedaços... O indigena encontra-os e convence-se ser a retribuição do avô aos presentes que lhe têm dado e delira de contentamento com a atenção do bicho.

Tem aqui e acolá, espalhadas pelo mato, casas lulics, onde guardam instrumentos de culto e esculturas toscas de animaes sagrados. Mas a sua maior preocupação é pelas almas dos antepassados, que vivem permanentemente á sua volta, segundo supõem, enchendo-os de felicidade ou de tortura.

Saem raramente de noite por receiarem todos estes fantasmas e nas guerras cortam sempre a cabeça aos inimigos, mesmo moribundos, ou já mortos, para evitar que as almas deles os persigam. Ha sacerdotes para este culto e, principalmente, para feitiçarias e leitura de destinos nas entranhas de animaes. As suas informações, em que acreditam com a maior fé, têm uma grande influencia no espirito e vida dos indigenas consultam-nos inumeras vezes em vespera de guerra, de jornadas, ou viagens largas. Para isso levam uma galinha, que o feiticeiro abre e depois de varios exames ás entranhas afirma com a maior convicção se o consultante voltará, se morrerá, ou terá doenças. O feiticeiro come depois a galinha e aceita ou mesmo pede, qualquer pano ou pataca do cliente.

Costuma haver todos os anos, geralmente no des-

canso das lavoiras, ou época das queimadas, grandes festas aos mortos, com hecatombes de bufalos mortos e danças e cantos e bebedeiras de tuaca (vinho de palmeira) a que chamam os estilos "acoimati". Nós temos prohibido e prejudicado com impostos e castigos essas reuniões de indigenas pois é ahi, nesse ambiente de misticismo e de vibração de raça, onde são lembradas as almas dos que morreram no sonho da independencia lutando contra nós, que os indigenas podem ser facilmente sugestionados por qualquer *meneur*, ou mal intencionado, que os pode levar á revolta. Alem disso é necessario defender a riqueza pecuaria, que sofre verdadeiras razias por esssa ocasião.

Ha bastantes indigenas catolicos, tendo nos ultimos anos diminuido o seu numero por efeito da perseguição estupida e injusta dos Governos ás Missões. Embora da acção destas Missões não resultassem catolicos perfeitos, elas tinham sobre os indigenas uma influencia politica de elevação moral e de submição á nossa bandeira, que merecia o nosso apoio, a nossa admiração e nosso respeito.

Os cemiterios dos indigenas são junto das suas palhotas, dentro das povoações. Por vontade deles deixariam ficar os cadaveres dentro das palhotas, em lantens (estrados) de bambus suspensos dos tectos, como nós em Portugal costumamos deixar as castanhas e o fumeiro. É preciso ás vezes quasi a violencia para que êles enterrem os cadaveres, pois ficam com êles durante muitos dias, em festas e banquetes com parentes e amigos. Para os mortos de importancia ha a cerimonia de enrolar a esteira. A esteira é um tapete de folhas de palmeira entrelaçadas, que lhes serve de cama e só pode ser enrolada depois de reunidos todos os parentes do morto, que haja espalhados pela Provincia, enquanto se não reunirem não pode ser realisada a festa.

Ha casos entre os chefes de estarem infinito tempo

á espera, a ponto de passarem anos e anos sem que ela se realise.

Os timorenses tem uma organisação de hierarquia interessante, hoje mais vaga e platonica do que real, por efeito da orientação ininteligente, que os governadores têm tomado. Têm feito quasi democracia indigena na intenção, dizem êles, de civilisar e de evitar a força dos chefes, que consideram perigosa para o nosso dominio! Não tem razão nenhuma! Esta desordem, esta anarquia alem de prejudicar o cumprimento de ardens e de serviços póde criar outro tipo de revolta popular, comunista por assim dizer, com chefes de ocasião, pois o espirito de independencia não desaparece facilmente dos indigenas. Essa orientação de democracia indigena prejudica e não evita o que os espertos governadores queriam. Eu sou partidario da maior força dos chefes e tive por mim mesmo de a robustecer para conseguir maior facilidade de serviços; nunca me arrependi dos efeitos politicos de tal medida. Pelo contrario é mais facil evitar uma revolta, reunindo as energias indigenas em meia duzia de chefes cheios de prestigio, que permanentemente vigiamos e mantemos seguros. E mesmo está no espirito dos indigenas esta divisão de classe e de sangue, aceitando apenas por comodidade, mas sem alegria ou felicidade espiritual a nova doutrina de igualdade e fraternidade.

Assim, sem a força e prestigio dos chefes o pretinho regala-se de boa vida e os comandantes, que tem necessidade de serviços, criam cabelos brancos e muito pouco conseguem.

Pensei sempre que devia dar aos chefes a maior força e exigir-lhe uma responsabilidade igual.

A escala hierarquica indigena será em ordem decrescente: régulo, chefe de povoação e auxiliares.

Déve haver uma justa distribuição de patentes militares de 2.ª linha, desde o régulo, que tem o posto de

coronel, até ao auxiliar, que é guerreiro ou soldado de moradores.

Os indigenas deliram por estas fardas complicadas dos chefes e sentem-se desgostosos com a indumentaria paisana, a que os obrigam! As tropas de moradores são curiosas, com os seus coletes de cores berrantes, tambores, bandeiras, e espadas de comandantes.

O coronel, régulo será o comandante dos arraais indigenas em tempo de guerra e tem uma estravagante casa militar com ajudantes e guerreiros de élite.

III

O QUE EU SOFRI...

III

Tirando a acção formidavel de dois homens, que governaram Timor, um no sentido das gentes outro no sentido da terra, o Conselheiro Celestino da Silva e o oficial de marinha Filomeno da Camara, nada mais se fez por lá. Os outros, os que conheci, na sua maioria uns fétos politicos, sem qualidade de alma, ou sem protecção de metropole, por lá andaram coleccionando patacas, fazendo favores, fazendo asneiras e pouco mais... Um desses teve Sonho, que é a qualidade maior duma vida, mas não teve senso e fez o governo mais cheio de ridiculo, que se pode imaginar; outro teve Força, mas faltou-lhe a coragem para realisar e teve medo, um medo fisiologico, um medo miseravel e preferiu ser a governante, tapa aqui, remenda acolá, a abalançar-se a um grande emprehendimento. A obra dos dois bons portugueses, dos dois bons governadores, está quasi inutilisada pela traição clara, intencional de todos os outros, interinos e efectivos, de todos!

Que se defendam, que digam que não tiveram permanencia, que não tiveram auxilio da metropole, o que quizerem. Eu direi, que a Obra deles não se impoz ao País, que o País não os sentiu, que não estavam na Raça, se não nunca eles sairiam, sem a dôr, mais que a atenção de Portugal. Mas eles não sofreram muito com a inutilidade dos seus governos, que a missão

deles era absolutamente pessoal: questão de vaidade, de dinheiro ou de vingança. Mesmo os governos da Republica fizeram do Governo de Timor uma benesse para amigos. «Eh! Pá! estás a tinir? vaes para Timor.» E esse correligionário, ou amigo, sai do Ministerio das Colonias, correndo, atropelando tudo, não para uma bibliotéca ou estudo colecionar uma serie de apontamentos sobre a Provincia, mas a direito sem uma hesitação, ao Banco Ultramarino saber o cambio da pataca... Ás vezes faz mais um pouco e compra numa casa de artigos militares umas estrelas e entra em casa, com os braços em arco, apertando-as contra a gola se é militar, ou contra o pescoço se é paisano e nervoso pergunta á mulher, que o fita comovida «Ficam-me bem Mimi?»

Em pouco mais de dois anos soube de seis governadores e encarregados do governo em Timor! Pode fazer-se assim alguma coisa? Assim só se podem ganhar patacas e Timor é a Provincia melhor para isso, pois tem umas despesas de representação nulas.

Havia os jantares das quintas-feiras, mas eram economicos vá lá... Eu hei de contar a respeito do Governador, que depois da viagem inutil ao interior e para equilibrio das despesas com aguardente aos indigenas aceitou e fez transportar para Dily com oito dias de viagem e mais, veados, galinhas, porcos, carneiros etc, que os indigenas lhe ofereceram e que ele podia muito bem não ter aceitado, ou então ter oferecido ao Hospital ou a qualquer obra de assistencia. Tenho de falar aqui do dito de espirito do ajudante, que, alem de muito espirito de vinho, teve nessa hora do outro. Subia as escadas do jardim do Palacio o medico do Governador, descia o ajudante. Na capoeira, ao fundo, apezar da rázia, que já tinham levado os presentes dos indigenas ainda espreitavam com ar de tristesa, umas cabeças de porcos e carneiros e cacarejavam lugubre-

mente umas duzias de galinhas. Ha quinze dias que regressara o Governador e no Palacio tinham sido incansaveis na matança. Todos os dias o almoço era invariavelmente galinha com arroz, porco com feijão, ou batatas com carneiro. O ajudante havia quinze dias que andava nessa campanha e não desertara. Descia, pois nessa tarde, olheirento e palido, as escadas do jardim, quando o olho clinico do doutor o topa. «Eh! capitão. Voce está magro, está doente. Cautela!» Era depois de almoço. E o ajudante num olhar cheio de medo e de cansaço, aponta para a capoeira, que se via ao fundo, entre ramagens. «É que ainda faltam dois porcos, sete carneiros e trinta e cinco galinhas!...»

Pois é verdade! Soube de seis Governadores em pouco mais de dois anos!!! E sabem qual era o programa de cada um?

Destruir o que fez o anterior, com a variante de uma ou outra vingança especial!... Estes Governos assim calham á maravilha para o plano miseravel da *povoação* de funcionarios, que se revesam em Timor ha imensos anos. É necessario, que Timor não se desenvolva, que viva na sombra, no misterio, na mentira, para que não acorde a atenção de Portugal, se não na impressão de miseria, que tem dado nos ultimos anos: descarnada, de uma mão impaludada, biliosa, que pede um emprestimosinho pelo amor de Deus!...

A impressão de medo de Timor não desapareceu e se agora ha mais gente, que suplica um logar lá é que ha gente que é capaz de ir ganhar dinheiro para o inferno. A mentira sobre Timor ha-de acabar. E ha-de acabar tambem esse grupo, que vive lá ha tantos anos no empilhamento de patacas. Que as guardem vá, mas que não trabalhem e que ergam e sustentem essa campanha de descredito, junto dos nossos e do extrangeiro, não lhes perdôo.

E agora — o meu caso não interessará talvez —

devo dizer, que para deixar o meu logar de comandante militar na terra das patacas e voltar a Portuga numa ocasião, em que elas valiam muito e em que havia pedidos, segundo se dizia de mais de cem oficiais, para irem ocupar uma vaga, foi preciso depois de exgotar todos os meios brandos, baixar ao Hospital e ficar de relações muito frias com os que mandavam.

Não escrevo pois por nenhuma influencia de amuo, de irritação, ou de raiva. Cumpri o meu dever em Timor, heide cumpri-lo em Portugal levantando a toda a altura da minha alma da minha inteligencia, ou da minha Vida aquela maravilha do Oriente. Ave Timor maravilha! Que os corações de Mãe se tranquilisem e que Portugal aprenda o caminho de Timor!

Vivi em Timor na vontade mais firme de realisar, cumprindo o meu Dever. Mas impediram-mo. Estive lá numa comissão de dois anos. Ali como em toda a parte é necessaria a permanencia para realisar e eu estive em oito situações nesse espaço da minha comissão!!! Foi uma contradança de logares, que muito prejudicou a Provincia, alem de me prejudicar a mim.

E porque isto? Porque tinha uma opinião nacionalista de governo, que não dobrava a olhares, nem a promessas. Eu fiquei sabendo, que nas Colonias não se pode ter a atitude dos coqueiros e é preciso dobrar, dobrar de vez em quando...

Andaram comigo sempre aos tombos! E se, ainda, fosse por motivo disciplinar, mas não, nem um castigo, boas informações...

Não era simpatico no meio daquela gente, conclui, e como não podia mudar, resignei-me. O que me massava mais nestas mudanças era a trapalhada das malas e a historia dum gato de estimação, que tinha de ir sempre dentro dum saco, muito mal disposto, muito irritado. Este gato duma vez vendo no largo da tran-

queira muitos auxiliares e bagagem para um passeio de visita a um pôsto, receiando nova viagem fugiu para sempre.

Vou dizer o que vi em Timor de manifestações de incompetencia em Governadores, funcionarios e serviços. Esta critica a que eu quereria fugir, mas que acho necessaria para alicerce do capitulo seguinte, será branda, quando o puder ser, e será absolutamente desapaixonada e impessoal, que eu nesta distancia de um ano já esqueci todas as injustiças e agravos que por lá me fizeram e todas essas manifestações de maldade foram perdoadas, quando o barco, que me trouxe levantou ferro de Cupão. A dor imensa que trouxe de lá, essa não a quiz modificar, não a quiz atenuar, porque era a mais alta, a mais nobre, a que mais orgulho faz nascer em mim por ter sensibilidade para ela, uma sensibilidade viva exagerada, como a minha!

Essa Dor, que ainda hoje traz ao meu coração ondas de amargura foi a de não me terem compreendido e de terem tomado a minha cara vincada sem trejeitos de aplauso, a minha atitude hirta, sem geito de curvar, como prosapia de valor, ou como irritação por não me distribuirem benesses, quando o que eu sempre quiz foi servir com a maior Força, com a maior amplitude, com a maior Inteligencia!

Camaradas, pagos pelo menos com a roda do Governador, sargentos pagos com protecções, indigenas pagos com dinheiro da Policia para espionagem em volta da casa de Motael, onde êles queriam descubrir a hidra, que afinal não era mais que o medo que êles tinham e que a sua consciencia de militares em sobresaltos...

Camaradas, que nunca soubestes o que a farda tem de sagrado, que fizesteis dela uma pijama com doirados, nesta minha amargura ha uma revolta altissima, a minha sensibilidade profissional torcida, esmagada,

que vós nunca sentisteis! Vós nunca reparasteis no meu sofrimento e se me vieis palido, desanimado, por lá, punheis-vos a pensar em paludismo ou saudades...

Camaradas, que fizesteis das esposas empenho para subir a vossa escada de patacas, que fizesteis do alcool processo de criar apoio e prestigio nos inferiores, que mentisteis, que fizesteis do caracter uma rodilha, sois a obra de cima, a realisação do Governador!

A este, ao Governador, que tudo deforma e aceita para satisfação da sua ridicula vaidade, para alicerce do seu efemero triunfo, é que eu não perdôo. Para vós eu só quero, que estas palavras que são a imagem real do que Vocês foram, vos façam pensar, ter vergonha e, se fôr possivel, não vos deixar seguir o caminho de pantano, que seguisteis, e tambem que elas sejam o relevo que eu quero dar aqueles que, reagindo contra a influencia deturpante de cima, conseguiram manter a atitude mais digna, servindo, mas servindo sempre com os olhos da alma mais longe, em Portugal, atravez da jornada de amargura, que este exilio de exilio é para a gente.

A minha critica vai ser impessoal, o mais possivel, crivando com toda a minha raiva de português mais funções, que tivessem traído, do que vidas que fossem miseraveis.

Eu disse sempre: um cargo qualquer do Estado, que aceitamos, tem regras, costumes, móldes e deveres, a que nós temos de sujeitar a nossa individualidade, fazendo o maior esforço para que não apareça a mais leve falta no conjunto. E, quanto mais alto se sobe, mais teimoso tem de ser o esforço e mais perfeito tem de ser o resultado. Eu disse sempre assim. No exemplo militar eu dizia, que são as fardas que obrigam os corpos e não os corpos, que obrigam as fardas, ou ainda a profissão militar tem linhas fixas, rigidas, com as quaes se tem de conformar as organisações mais

rebeldes, mais individuaes. Dizia isto a respeito do Governador dever manter o prestigio do seu cargo, pois houve um que me disse que não tinha sacrificado a sua liberdade individual!!! Com esta concepção de chefe, que logar desempenharia o homem?

Um logar de traição, simplesmente.

Que aceite um logar destes por ambição material simplesmente, que a não se realise, que não se faça nada, mas ao menos, que se deixe o logar, que é de todos, porque é do Estado, com o prestigio, que é a sua razão, que é a sua força.

Como para mim a continencia dum soldado, que encontro, é a demonstração perfeita da sua preparação psicologica e mecanica para servir na guerra, assim esta frase, que estou certo todos pensaram, ou disseram, mas que a um só ouvi, no habito que tive de não me demorar muito perto dêles me disse de principio, o que êles poderiam fazer no decurso do seu governo, por mais longo que ele fosse.

Uns a passeiarem no carro do Palacio a Jacinta, bôa mulhersinha, afinal, muito amiga dos filhos, e com um geito especial para parteira, mas cuja convivencia, assim, em primeiro plano, não prestigiava nada; outro a trocar impressões com o Sebastião da Costa, comerciante, analfabeto, com muita barba e muita pataca; outro a filosofar sobre politica indigena, recordando scenas ardentes dos clubs de Lisboa, aninhado na cadeira e despachando de pernas e pés sobre a secretária, num geito muito americano, que lhe ficou duma viagem!!!

Não realisaram nada, não podiam nunca realisar nada!

Eu sei que governar neste estado de politica da metropole não é das tarefas mais faceis, mas, se êles tivessem sido nomeados por imposição de serviço, ainda se desculparia, mes eu sei que tiveram as maio-

res lutas, gastaram imensidades de energia, de espertesa e de politica para conseguirem esses logares e não ha o direito da gente se servir dos postos nacionaes de destaque para serviço exclusivo duma vaidade tão mesquinha e ridicula, como a obra que realisam! Se ao menos tivesse ideias, que fossem sonhos irrealisaveis, mas cheios de belesa! Mas na nossa terra-a-terra de iniciativas todos os projectos tinham o cunho de falsidade e destruição e miseria.

Houve uma festa em Dily, a que vieram milhares de indigenas de todos os comandos e cá em baixo tomaram como manifestação expontanea de interesse e carinho pelo Governador — meus caros camaradas de comando que esforço de campinos tivemos de fazer para que cá á cidade chegassem alguns e não se tresmelhassem todos!

O Governador delirava; todo êle era bom humor e vaidade de si proprio! «Isto tudo é por mim, pela minha competencia!» Mandou telegramas para a metropole na intenção de ancorar, com receio do mar da politica, que andava revolto e encapelado... Depois teve ideias, deu vinho do Porto aos régulos e disse para os comandantes, iluminado deslumbrado, num rasgo de genio: «É preciso civilisar o preto, que é bom, dedicado e cheio de qualidades. Quero que todos os comandantes, em quem deposito a maior confiança me auxiliem nesse sentido. Para prova desse auxilio quero que para o ano na nova Festa que aqui se hade realisar, os pretos venham todos de sapatos!...» Eu dei um salto de horror e fiquei sem forças para acabar umas obras, que tinha começado no Comando, alguem teve a mesma impressão, outros aceitaram e admiraram e puzeram-se em espirito a descerrar retratos de homenagem. Depois serenei, refleti: era o Governador, que estava a falar e estive para lhe citar a quadra popular muito em voga em Portugal!

O preto é rei dos pretos,
Imperador dos macacos,
Não posso levar avante,
Que um preto use sapatos.

Houve um Governador, que mandou pedir com a maior urgencia a sahida da Provincia do mais perfeito e inteligente militar, que tenho conhecido e que maior injustiça tem encontrado á sua volta—o que tanto me tortura pela perda nacional, que isso representa —porque, sendo monarquico, era perigosa a sua estada lá, pois em caso de revolta monarchica na Metropole poderia tomar o comando das tropas e fazer a monarquia em Timor!!! Esse oficial é heroe da Flandres e isto passou-se poucos meses depois do armisticio!

Esse mesmo Governador se queixou de nós num documento oficial, porque tinhamos na nossa residencia creados pretos de librés doiradas e vermelhas, complicadas, o que ele tomara como provocação...

Era um Pateo das osgas a Provincia, inutilisante, biliosante com senhoras, ajudantes, pretos e brancos numa intrigalhada continua. Nada se podia fazer assim e nada se fez. E os comandantes militares, lá no exilio supremo do interior, iam fazendo plantações, estradas, casas, sem um auxilio sem uma atenção, sem ao menos um bocado de justiça!

Para gozarem uma revolução, que inventaram para conseguirem confiança, protecção e patacas—bandidos! que nem de leve passou no nosso espirito, quanto mais na nossa conversa tal traição e principalmente tal estupidez, tal inferioridade; — passaram-me guias de marcha, que aceitei e que cumpri, até contra indicação medica e lá segui para um Comando, numa manhã de chuva, no inesperado e na surpresa duma primeira viagem para o interior, o tal gato em tragedia dentro

dum saco, o impedido landim, lacrimoso, por me deixar, a acompanhar-me até á balisa. Lá estive, lá me habituei e lá comecei a realisar com alegria obras interessantes. Emprego este adjectivo, porque conheço o que comecei a realizar e porque isso mesmo me foi mais tarde reconhecido pelo mesmo Governador num telegrama de felicitações.

O Governador sabia em Dily do que eu fazia por informações particulares de gente do Comando, que por não poder dizer mal dizia bem. E estava satisfeito o Governador... Passados dias venho á capital, o Governador resolve manter-me no Comando e diz-me directamente que tinha a maior alegria em ter mudado de opinião a meu respeito e estar convencido da minha boa acção no interior.

Na manhã seguinte vem ter comigo e com o maior espanto da minha parte, embora tivesse resistido na melhor atitude, diz-me: «Tem de saír do Comando. Vai para Lautem com o Azevedo. Divido o Comando ao meio e é metade para cada um.» Lautem é o Comando mais distante, mais selvagem, peor da ilha!...

Nesse mesmo dia eu soube das razões, que motivaram essa resolução tão subita, tão despropositada e tão prejudicial para a Provincia e para mim. Tinha o Governador um sobrinho como ajudante e que tinha apoiado o Governo de Sidonio Paes. A esposa do Governador era radical e já em Lisboa em vida do Presidente-Martir tinha afirmado numa roda de amigas: «Eu cá sou muito pobre, mas no dia em que matarem Sidonio Paes hei de empenhar a camisa para beber Champagne em minha casa!»

Como tinha esses sentimentos não perdoava a grandesa de alma e a belesa da atitude do gesto do sobrinho, exigiu nessa noite com maior força, o que já havia muito andava a exigir: «É preciso que ele saia já, ouviu?» «Ó menina retorquia o fraco Governador, não

tenho Comando nenhum...» «Pois se não tem invente!» E ameaçava de mãos na cinta:

«Ou ele, ou eu!...»

E a faca da governança trouxe a harmonia á familia rachando Lautem ao meio...

A gente em Timor sofre muito, uma amargura sem nome e sem medida perante esta serie de injustiças, que inventam para nós!

A divisão administrativa unica, capaz, com vantagens para a Provincia e para o indigena é a dos Comandos Militares. Pois em Timor, como demonstração de espirito democratico criaram circunscrições civis, que o orçamento, o indigena e todos aceitaram mal.

Criaram-se estas circunscrições afirmando haver em certas regiões grande civilisação, quando eu apenas vi que existe alguma, resultado da acção dos missionarios—que estes Governos agora despresaram provando a maior injustiça e a mais flagrante falta de tacto e de inteligencia—mas apenas redusida a nucleos curtos em volta das sédes.

Que me digam qual é a diferença entre o «firaco» de Lautem e o de Baucau, ou de Manatuto até!...

Circunscrições civis em Timor, onde tudo está por fazer e onde tudo se tem de fazer atravez duma organisação militar?!

Foi a maior afronta aos velhos oficiais, que andaram por lá a desbravar o mato, correndo riscos, ganhando mal, vivendo mal!

Eu não quero falar da infelicidade da portaria, que as criou, mas sei que foram creadas para servir amigos unicamente, na tendencia, que tem agora os Governadores, mesmo que sejam militares de se apoiarem nos civis, não vão na metropole alcunha-los de militaristas, de reaccionarios! Fracos Governadores, que não conseguem libertar-se do espirito de chafarica, que os levou lá e que eles para lá levaram!

Que falha de visão! Que é que eles querem? E que cuidam, que a sua atitude de literatura democratica lhes deixará sequer erguer uma estatua mesmo em tijolos do Salsinha? O indigena hade senti los fracos e qualquer cabeça de branco lhes serve, basta só que esteja perto! Que ridiculo o dos Governadores, que pensam dominar o indigena por efeitos de prestigio pessoal! A decepção virá breve, mas será geralmente outro que sofrerá as consequencias de tão má acção governativa!

Não interessam nada á Provincia as Circunscrições Civis e trazem um maior gasto das receitas, apesar disso foram creadas por um Governador e mantidas por todos os que se lhe seguiram por cobardia ou por amisade pela gente que seria prejudicada com a sua extinção...

Contos largos...

Estas Circunscrições são mais centraes, tem mais comodidades e é desculpavel a irritação, com que eu no meu Comando de Lautem-Sul, vivendo numa miseravel barraca de palapa, especada nuns troncos de pau rosa, soalhada de bambu rachado e espalmado em taboa, soalho que fugia, rangia, ondulava, a ponto de produzir enjôo, coberta dumas camadas de gamuti, em que viviam assolapados mais ratos, do que contribuintes eu tinha no Comando, com chuva, vento e luar entrando por todas as frinchas das paredes da palapa mal batida, numa ausencia absoluta de comodidades, num abandono desesperante, tratado como um selvagem, vitima dum capricho politico duma Senhora, me lembrava dos macaistas e dos canarins, amigos do Governador, que não sentindo, como eu o desejo alto de servir, não tendo sensibilidade fervorosamente nacionalista como a minha, viviam luxuosamente instalados, rodeados de comodidades nas melhores casas de pedra e cal da Provincia!!!

A questão militar da Provincia está completamente abandonada. A obra de defesa do nosso dominio foi atraiçoada! Que surpresa, que desilusão poderão ter aqueles que supõem que se manteem em socego os pretos, cuja carateristica natural é a da revolta, com palavras e que querem substituir esquadrões e companhias de infantaria por influencias pessoaes!!

A organisação, que acho necessaria para Timor hei de dize-la na ultima parte deste livro, por agora apenas quero afirmar, que não existe um soldado indigena em Timor capaz de servir para uma resistencia, mesmo que seja a uma revoltasinha de naturaes, quanto mais contra qualquer acção dos holandeses, em que teriamos pelo menos de nos conservar em guerrilhas permanentes, mantendo a nossa bandeira á espera de reforços. Não ha uma unidade em Timor: uns soldados não teem instrução, outros não sabem dar tiros.

A Companhia Expedicionaria de Moçambique, que poderia ser um nucleo de resistencia interessante, é sempre sistematicamente retalhada, dividida em pequenos destacamentos pelos Comandos e Postos da Provincia perdendo por falta de instrução, toda a unidade, toda a disciplina e todo o seu valor tatico!

Os soldados maravilhosos de Africa distribuidos assim por grupinhos, sem mais uma hora de instrução, num serviço apaisanado de sentinelas e ordenanças desmilitarisam-se e servem apenas para despesas e para uma surpresa desagradavel, se um dia foram precisos como soldados de guerra.

As Companhias Indigenas de Infantaria, cujo recrutamento se deveria fazer por regiões e não numa mistura de naturaes de toda a Provincia como agora se faz, pois que o unico valor guerreiro do indigena, na falta de criação de espirito militar, está no odio sem perdão, atavico, de região contra região, são tambem retalhados e mal instruidas.

Mas que quererão assim os Governadores?! E dizem-se homens fortes, sem sonho, praticos... Eles por certo são messianicos de si mesmos e não acreditando nos milagres de Deus acreditam no milagre da sua influencia pessoal. Que ridiculos! Que ridiculos!!!

Eu com a peor fama de Sonhador, sou muito mais pratico, pois quero constituir certos elementos, que sejam factores dum efeito real, seguro. Mas eu vou contar...

O capitão Azevedo e eu conseguimos em Lautem com esforço de muito suor, de muita madrugada e de muita paciencia uma companhia indigena, que foi a melhor que tem aparecido em Timor não só no aspecto exterior de tactica, que todos viram em Dily nas Festas de 14 de Julho, quando foi do "Austerlitz da Segunda" e que eu vi no aspecto interior, espiritual, de comprehensão e misticismo da profissão, por aquelas madrugadas ainda de sombra, nas tardes ardentes do basar dos aquediros e sempre na forma, fora dela, em que as almas eram tão simples, como as laminas das baionetas! Que saudade eu tenho dos nossos soldados de Lautem! Havia estremecimentos mais altos nos esforços de alinhar, mais desejo de ser perfeito, mais segurança na linha do braço empunhando as armas! Quando se erguia a bandeira havia momentos de bronze nas fileiras!! Eu sempre desejei assim soldados. E eramos suspeitos de reacionarismo, nós, que fomos os unicos oficiaes que ensinamos os soldados negros a cantar em Orfeon a Portuguesa!

Eram soldados perfeitos. Eu senti-os. As fardas, os chefes quando querem até de pretos fazem soldados!!

Atemorisaram-se os Sanchos Panças de Dily. Os soldados de Lautem sabiam o manejo de fogo e esgrima de baioneta! Que irreflexão! Que falta de prudencia! Que perigo!—guinchavam os carcassas de Dily. «E se eles se revoltam?» Que cobardia! Que nojo!—clamava eu.

«E se são licenceados ficam a saber dar tiros...» diziam eles...

É que em Timor não se ensinavam os soldados a dar tiros... por prudencia!

Eu pensei então que para ter soldados, que não soubessem dar tiros o melhor era começar por fazer economias no material e mandar fazer espingardas de pau rosa e baionetas de bambu.

Mas os corações socegaram, e os cabelos acamaram, das alturas a que se tinham guindado! Nós embarcamos para a metropole, a companhia desapareceu e os soldados não aprenderiam mais a dar tiros!

E, já que falei em tiros, quero contar o caso do Governador, que tendo encarregado um oficial da construção duma carreira de tiro e porque ele lhe pediu autorisação para ir a Cupão ver uma, que os holandeses lá tinham construido, para se guiar, fazendo a viagem á sua custa e sem dispendio nenhum para a Fazenda, lhe negou essa autorisação alegando, que havia oficiais mais antigos em Timor e que nunca lá tinham ido!

Não ha exagero. Dá lá vontade de trabalhar ou de servir assim?!

E todos os serviços incompletos, imperfeitos, cheios de ridiculo.

Não me posso esquecer dos direitos que tive de pagar na Alfandega por umas fotografias minhas, que me vieram de Surabaia. Eu bem explicava: «Mas ó Senhor, são minhas. Repare como estou parecido.» E o canarim director, curioso tipo, com geiteira para agradar a Governadores, que chegavam, armando arcos de triunfo, queimando «panchões», pondo luminarias e até (exagerada bondade!) levando para casa, vestindo e calçando os filhos da preta, que alguns por lá tinham deixado... era renitente, não cedia. Depois de muita teima dizia-me o tal canarim manhoso, esperto, que

arranjava sempre um providencial ataque de reumatismo, que o fazia faltar a todas as sessões do Conselho de Governo, em que pudesse haver sarilhos: «Bem vejo que são suas. E muito boas fotografias, que elas são, mas... (e alongava os beiços numa decisão) tem de pagar!»

Aparecem tipos curiosos por lá, não tenham duvida: canarins e europeus.

Ha uma coisa a que chamam em Timor «politica indigena», que em Dily tem proporções de fantasma, com que á força querem impressionar os funcionarios que chegam pela primeira vez á Colonia. Vem a ser o estado de relações dos indigenas entre si e com os Comandos.

Um Governador fiel ás tradições mandou um questionario para o interior e entre outras coisas pediu para o informarem sobre a tal politica indigena. Então um comandante, tarimbeiro velho de cavalaria, chegado da metropole a fugir ao embate revolucionario, que a tem agitado nos ultimos anos, responde sobresaltadamente: «Politica, senhor Governador? É coisa em que nem posso ouvir falar, até me faz arrepios...»

Havia um comandante, que tinha ido da metropole com uma ideia magnifica, se fosse comandar o esquadrão de cavalaria, que era fazer uma cavalariça em anfiteátro e pronunciava anfitéatro...

Não sei qual era o funcionario civil, canarim, que tinha a mania de empregar termos franceses a proposito de tudo. Fazia isto por elegancia.

Um dia procurado em casa por outro funcionario foi recebe-lo em pijama, todo risonho, afavel: «desculpe-me recebe-lo assim (e apontava para o pijama) neste *ménage*...» Mas porque não tivesse ficado satisfeito acrescentava risonho: «nesta *délivrance*...»

Sobre enfermeiros indigenas ha uma serie de historias interessantes.

O de Lautem, maravilhoso rapaz, todo bondade e prestimo, de bigode hirsurto, que continuamente retorcia nas horas, em que, defronte a nós, mais respeito e atenção queria manifestar: «Ó rapaz doe-me imenso a cabeça. Não tens ahi um remedio? qualquer droga para eu tomar?

Ele respondia ligeiro: «Nafstina V. Ex.ª, mas já acabou...»

Tinha a mania de que tudo era sifilis... antigo, e o adjetivo da frase parecia um clown a piruetar na boca dele: fazia rir a gente.

Passava um timorense com uma cicatriz no braço. Perguntavamos: «aquilo que é, ó enfermeiro!» e ele respondia logo: «Sifilis antigo Vocelencia.»

Era uma obsecação semelhante á de certos medicos da Europa. Para o simpatico Vicente não havia outra doença. Ás vezes esqueciamo-nos da sua mania, da sua especialidade e eramos surpreendidos com novo diagnostico, o que nos irritava grandemente. Um dia tendo-me golpeado com a *gillete* fui á ambulancia desinfectar o corte e distraido perguntei ao rapaz: «sabes o que é isto?»—«Ora:—respondeu logo estupidamente—sifilis antigo Vocelencia.»

Desta vez zanguei-me e agarrando-lhe no bigode eriçado gritei-lhe: «e isto tambem é sifilis antigo, meu burro? Se te ouço mais alguma vez falar em sifilis racho-te, grande porco, não tem vergonha!» Parece que ficou curado e nunca mais o ouvi alcunhar doenças.

E mais de uma vez senti a tortura da sua voz ao ter de responder a algumas perguntas de doentes: "isto... não é nada."

Um dia, numa visita do medico á Companhia Indigena, apareceu num soldado um caso declarada de sifilis. O doutor para ajuisar da sciencia do enfermeiro perguntou-lhe, se sabia de que era aquele sintoma. O

rapaz tinha-o matado logo, mas como eu estava junto deles embuchou. O medico insistia e o rapaz entre o risco de desagradar ao medico e a lembrança, que tinha bem viva, da minha ameaça e do puxão de bigodes, hesitava enfiado, tremelicante. Por fim apertado num circulo de ferro, num arranco, atrapalhadissimo murmura: «eu sei... (e revirando para mim um olho aflito) sei... mas não digo...»

Havia um outro enfermeiro, que tendo terminado havia pouco o curso de enfermagem tinha ainda bem nitidos na memoria o nome dos aparelhos e orgãos mais extranhos. Aconteceu adoecer no Comando, onde fazia serviço, o chefe da estação postal. Então o rapaz manda um telegrama ao medico da Delegação de Saude, a que pertencia, nos seguintes termos: «F... doente, sintomas inchação do ventre e pernas, febre, julgo ser inflamação pancreas.» Era uma doença qualquer de rins, mas o esperto, como vira o abdomen inchado e sabia que dentro dele existia o pancreas, diagnosticou assim.

Ha imensos casos, inumeros, de gafes, ridiculos, exageros, que dariam um grosso volume de risota. Mas eu não quero pôr mais aqui. Tortura-me a inferioridade dos outros, acreditem! E assim eu pouco disse e se, de tanta miseria, eu só dois ou tres casos relatei foi para não transformar as paginas deste livro em jornal de Macau ou de Lisboa, acesos em luta de odio pessoal. Eu quiz apenas dizer neste capitulo as causas que aos meus olhos, produzem o atrazo de Timor.

As principaes são estas:

1.ª — Falta de individualidade, que pense, que governe, que interesse, que galvanise. Não são nomeados Governadores, por competencia clara, mas sim por casos politicos ou de influencia pessoal. Daqui resulta sempre o aparecimento duma camarilha recrutada nos *bas-fonds* de in-

triga e de politiquice da Provincia autora do cerebro, do ambiente, em que pensa e vive o Governador, porque os bons elementos são sempre sistematicamente afastados. Desta falta de individualidade resulta uma anarquia de funções onde nem a ideia melhor chegaria a realisar todas as consequencias, por falta de ambiente disciplinado, simpatico, onde se propagasse.

2.ª — Falta de pessoal competente no duplo aspecto de caracter e de organisação melhor, que sirvam mais para exagerar e ampliar esforços, do que para os travar e inutilisar.

3.ª — Injustiça e pouca protecção aos europeus, tanto funcionarios como colonos e pelo contrario seu desprestigio e perseguição diante dos indigenas e com o auxilio e o apoio dos funcionarios naturais da India, que como uma praga tudo invadiram.

4.ª — A predisposição, que tem todos os Governadores de quererem criar simpatias no indigena, fazendo-lhe beneficios proximos. Qualquer obra assim, é uma obra sem amplitude e sem exito pois não fixando um objectivo nacional não permite que outro que venha a possa continuar.

5.ª — Como consequencia da falta de chefe, falta de espirito de disciplina, de metodo e de esforço em todos os serviços.

6.ª — Falta de permanencia de funcionarios em todos os lugares, andando continuamente numa roda viva, ao acaso dos caprichos históricos de cada Governador, não se fixando, desmoralisando-se, não produsindo com o maximo de rendimento, não manifestando as facetas da sua competencia, pois a permanencia é absolutamente necessaria, para que os Chefes conheçam os subor-

dinados e os possam aproveitar no seu sentido melhor.

7.ª — Como consequencia das anteriores, falta de obra no fim duns meses de esforço, obra que seria incentivo para futuros esforços.

8.ª — Abandono de tendencia de organisação militar em todos os serviços. Desprestigio intencional da profissão militar, pagando peor que nos cargos civis, mesmo que sejam desempenhados por pretos e deixando oficiaes fazer serviços extraordinarios em colocações civis de categoria inferior á do seu posto, com o exagero de os deixarem servir sob as ordens de pretos diretores de Repartições. Por exemplo o caso de oficiaes fazendo serviço na Secção Europeia de Artilharia e ganhando mais umas patacas, como apontadores de 2.ª classe, na repartição de Obras Publicas dirigida superiormente por um indiano. Perseguição aos militares, que manifestem carater e auxilio ao desenvolvimento de más qualidades e espirito de subserviencía, intriga e má camaradagem.

Os Governadores esqueceram que toda a obra nacional foi feita com espadas e que ela só falhou nos momentos, em que a acção dos civis não esteve á altura da obra iniciada.

9.ª — Perseguição e inutilisação da obra imensa das Missões.

IV

O QUE EU PENSEI...

VI

Para realisar Timor é necessário governar em ditadura. Os Conselhos teem de desaparecer.

Pode haver o Conselho dos Tecnicos, sem caracter oficial, que particularmente e sempre que queira os Governadores poderão consultar e a quem exporão os planos que vão pôr em pratica quando disso tiverem necessidade.

Os Conselhos Oficiais, parlamentosinhos, só teem servido de estorvo.

Os governados não teem que saber minuciosidades, processos de realisação, teem que ver obra e contribuir para ela, não discutindo, não analisando, mas sim servindo o melhor possível no ambito das suas profissões.

Com a afirmação de governo ditatorial eu parto do principio do Gorvernador grande, no duplo sentido de Força e de Inteligencia.

Mas, vamos ver um Governo actual em plena acção, para melhor podermos ajuizar dos seus processos imperfeitos, negativos.

Vamos supôr que ele consegue um Conselho de *élite*, em que cada membro seja da sua envergadura intelectual e de Força — o que é tão raro que temos de considera-lo um caso teorico. Basta a qualidade politica do Governador para que surjam desordens, contradições, miserias, que inutilisam a obra de todas as sessões.

Os Governadores percebem isto, sentem pelo menos o contra-vapor dos Conselhos à sua marcha e então buscam o refugio de Conselhos de almas simples, em geral de pretos, que passam todas as Sessões puxados pelo cordel da sua superioridade de branco a dizer «si siô! si siô!!»

Maravilhoso processo de neutralisar a acção contundente, marcha-atraz, dos taes Conselhos de pensamento, mas prejudicial, perigoso, porque essa serie de manequins antes de ser dos Conselhos, teem de ter a qualidade de Chefes de Serviço!

Estamos pois neste dilema: ou conselho de competencias, travante, oposicionista, prejudicial, ou tecnicos de Serviços, sem caracter, sem inteligencia, sem força.

Eu resolvia assim: Chefes de Serviços competentes e Conselhos nenhuns.

E alem de tudo é ridicula, miserávelmente ridicula, esta ideia de Conselhos Oficiaes em Timor. Timor, atrazadissima, sem nada realisado, na *pose* de Provincia feita!

Meu Deus onde nos levou o contra-sonho da India! Antes a mania mais perigosa da Aventura, do que esta calmaria pôdre de papeladas, actas e Secretaría!

Conselhos Oficiaes em Timor! Pode lá ser!

Horas e horas gastas, criminosamente perdidas, quando é necessario que o Governador troque o seu *fauteuil* comodo da presidencia do Conselho por um cavalo ligeiro, que o leve continuamente por todos os cantos da Provincia! Os Conselhos reunem-se, à sombra dos coqueiros, nas plantações, nas serras, nas planicies.

Assim é que está certo.

Tem havido uma serie de ridiculos, de *gafes* e de miserias em varias Sessões deste Conselho, que provam, a bastar, o que eu disse.

Acho suficiente falar no celebre Conselho do Go-

verno que discutiu demoradamente, aprovou qualquer solução relativa a posturas municipais sob a presidencia de certo Governador e que quinze dias depois, reunido novamente, mas já com outro Governador, aprova uma solução contraria. Há imensos casos assim a que assisti, mas só quero referir-me a mais um, flagrante de interesse.

Estava o Conselho reunido, solemne, às riscas, um branco um preto, um branco um preto... Ia discutir um assumpto de maximo interesse para Timor, e o Governador contava com uma oposição firme na sala das Sessões. Quer então impedir a discussão, que lhe pode tirar algum dos indecisos, e diz gravemente, deliciosamente: «proponho que se trate primeiro da votação para aprovação, ou reprovação do parecer, que trouxe a esta mesa, e que se reserve para depois a sua discussão.»

Mas, dizia eu, que o Governo de Timor deve ser em ditadura, tendo-se o maior cuidado na escolha de tecnicos e de pessoal competente em Portugal. Depois é necessário dinheiro, todos sabem, e isso tem sido o escolho em que teem esbarrado quasi todos os Governos.

Mas, eu vou dizer a forma de conseguir dinheiro para Timor, certo de que todas as facilidades são uma consequencia do perfil do Governador, e do perfil da forma de governar em Portugal.

Nem eu seria tão infantil, que abrigasse dentro de mim o sonho, de poder governar n'este estado de coisas e de gentes.

O meu dever, compreendi-o bem—é o de transformação de cima—e porque o compreendi e porque o cumpri, é que estou preso por crime politico, em S. Julião da Barra.

Um emprestimo em Portugal seria facil e vantajoso para as duas partes, se o realisasse uma figura que se

impusesse, que galvanisasse, que convencesse. Mas eu não queria servir-me, talvez, desse processo. Macau nesse momento, seria tambem bem governado. E uma sociedade, uma ligação, uma comunhão de esforços havia de realisar uma barra de apoio no Oriente, interessantissima, formidável para o Imperio português, que ha de ressuscitar no mundo.

Macau, hoje assoberbado com umas enormes despezas, com as obras do porto, ha de por fim voltar, em exagero, em aumento, a dar receitas. Malditas obras seriam elas, se não tivessem o fim de melhorar o estado financeiro da provincia. Depois é necessário fazer as pazes entre as duas provincias, e uma ligação de vontades e sentidos, pois que Macau e Timor, por culpa dos seus governos, estão entre si nas relações de dois irmãos, um estroina, outro rapaz de juizo, em friezas por causa de dinheiro.

Timor pede a Macau umas coroas, que é como quem diz, umas patacas, e Macau aborrecida, resmungando, na certeza de nunca mais as ver, lá as vai emprestando de mau humor, irritadissima.

Feitas as pazes, as receitas de Macau seriam aplicadas em Timor e seria aquela a primeira a entusiasmar-se com a ideia, por efeito da certeza e confiança, que teria na orientação e competencia do Governo.

Macau, o jogo, o opio, o porto com Hong-Kong ao pé, podem um dia falhar, e então a provincia teria em Timor a certeza, o futuro na colheita progressiva, do que na mais fraterna sociedade tinham semeado. E se falhassem definitivamente os atuais proventos de Macau, a provincia regressaria á felicidade mais pura, mais alta de se transformar na Industria, na Fabrica, no Armazem dos produtos maravilhosos de Timor.

Eu acarinho o sonho de em trinta anos, ou menos, termos conseguido esta obra imensa.

Conseguido o emprestimo, e levado de Portugal

todo o pessoal, maquinismos e aparelhos necessários, posto todo o sentido na terra, em cinco anos ter-se-hia conseguido o primeiro andar do edificio.

Havia de abolir-se transitoriamente, mesmo definitivamente, o imposto de capitação ,medida que imediatamente se exageraria em trabalho e vontade do indigena. O caracter deste seria transformado imediatamente em escolas agricolas, de artes e oficios, onde aprenderia tudo através da lingua tétum. O indigena havia de ser obrigado a trabalhar para si continuamente, a principio no seu sentido preferido, embora aperfeiçoado, de culturas pobres e de apascentação de gados. Trabalharia tambem, dirigido e obrigado em plantações grandes de coqueiros, cafézeiros, de algodão e cacau, em florestas e matas, em postos zootecnicos, e de creação de gados, em campos de pastagens, que seriam as verdadeiras escolas, dirigidas por europeus.

Toda a agua que por lá brota, em caudalosos mananciais, seria aproveitada em regas, em electricidade para fabricas, para luz, para caminhos de ferro. A geração do indigena, que esse governo encontrasse seria mais uma geração de transformação, de cultura, que de aproveitamento. Os braços, a mão de obra viriam da China, onde todos os anos há formidáveis hecatombes de milhares de chineses, que morrem miseravelmente de fome. Iria buscar sucessivamente os milhares de braços, de que necessitasse, certo de que o chinês se dá tão bem em Timor como na China e de que nas varzeas da Provincia se dá maravilhosamente o arroz. Não era de temer a praga chinesa, pois que eles viriam contratados como operarios e não como colonos e para segurança da terra haveria ainda a ocupação militar, de que falarei e que se adaptaria às circunstancias.

A divisão administrativa seria diferente, toda no sentido militar e as circunscrições civis, que uma mise-

rável falta de visão e de tacto criou, desapareceriam de vez. Uma revisão mais perfeita de balisas teria logar e elas seriam marcadas mais na orientação de facilitar serviços, do que na de criar benesses para servir amigos. De resto; eu tenho a certeza que desaparecendo o imposto de capitação desapareceria o interesse de comandar muitas cabeças.

Timor seria dividida em três grandes Comandos: o de Leste, do Centro, e do Oeste. Cada Comando seria ainda dividido em Sub-Comandos e estes em Postos militares. Dentro dos Postos prevaleceriam os retalhos indigenas de Sucos, repartidos em povoações, agrupadas em reinos ou regulatos. Todas as balisas de Comandos, Postos e Sucos actuais seriam revistas e modificadas sendo necessário.

A capital da Provincia continuaria a ser Dily, que formaria um Concelho com os terrenos de Motael, vertentes ocidentais da Era, apanhando as montanhas sobranceiras, incluindo Dare, no circulo até Comoro.

A ilha de Atauro ficaria sob a sua administração. O Comando Centro compreendia as actuais Circunscrições Civis de Liquiçá e Manatuto e os Comandos Militares de Ailen e Manufal. A sua séde seria pelas alturas de Maubisse.

Comando de Oeste compreendendo os Comandos Militares Covalima, Bobanaro, Batugadé, Hatulia e Suro, teria a séde em Bobanaro perto da sua balisa com o Suro.

O Comando de Leste composto da actual Circunscrição Civil de Baucau e dos Comandos Militares de Viqueque e Lautem, teria a séde nas montanhas de Ossú.

O actual Comando de Okussi ficaria ligado ao Comando do Centro.

Os Comandantes teriam o posto de major e ficariam directamente subordinados ao Governador por intermedio exclusivo da Repartição Militar da Provin-

cia, chefiada por um tenente-coronel. Os Comandantes dos Sub-Comandos seriam capitães ou subalternos, nomeados segundo as necessidades de serviço e subordinados directamente aos Majores-Comandantes.

O Major-Comandante seria tambem o Comandante dum destacamento mixto, que seria mantido em permanente intensidade disciplinar e guerreira debaixo da sua responsabilidade. O Destacamento mixto do Comando do Centro seria constituido por tropas indigenas de infantaria, metralhadoras, cavalaria e artilharia. No Destacamento do Comando de Oeste haveria uma companhia de infantaria indigena que seria recrutada nas regiões de Leste, em Manatuto.

O Destacamento de Leste seria identico ao de Oeste só com a diferença dos seus soldados serem recrutados no Suro, ou na Hatulia.

Cada Unidade teria os seus quarteis completos, que satisfariam a todas as necessidades, quer da higiene, quer da instrução, e seriam adaptados ás condições tacticas e do terreno.

Devidamente afastadas haveria casas para oficiais, tipo bengaló, construidas com elegante simplicidade. Com os outros edificios publicos e particulares formar-se-iam três grandes vilas na Provincia, cheias de beleza.

No Comando do Centro, haveria em lugar apropriado e de fácil acesso uma Carreira de tiro, que bastasse à instrução dos soldados da Provincia e onde iriam tirar uma carta de atirador por obrigatoriedade, todos os civis portugueses da Provincia.

Haveria tambem uma Escola de Instrução de Policia Indigena Militar, donde saíriam as tropas, que em Secções sob o comando de sargentos iriam em destacamentos para as sédes dos Sub-Comandos e dos Postos alem do grande destacamento, que haveria em Dily sob o comando do administrador do concelho. Tambem haveria uma Escola Preparatoria de Guardas Ru-

rais e de Caminhos com atributos de Policia militar.

O recrutamento indigena far-se-ia regionalmente e a duração do serviço militar seria o mais possivel permanente.

Para emprezas futuras depois de Timor estar realisado seriam aumentados os efectivos e seria dotada a Provincia com materiais e obras de defeza, que as circunstancias aconselhassem.

Sobre fardamentos, tipo de armas, equipamento, não é necessário falar aqui, nem sobre detalhes de disciplina e instrução. Basta escolher chefes bons, que saberão e sentirão o que é necessário fazer nas almas e nos corpos para ter sempre todas as probabilidades de vitoria.

Eu sei que o desenvolvimento de Timor tem por alicerce a agricultura. A obra da agricultura é a mais urgente, mais fácil, e é, tambem, a que dá mais felicidade aos olhos e aos espiritos.

Timor é uma maravilha. O seu clima é excelente mesmo nas menores altitudes, desde que desapareçam as pragas de pantanos, e o seu solo sob a acção dos dois factores magnificos—calor e humidade—desentranha-se em prodigios de seiva e de abundancia. A agua jorra por todos os lados em loucura. E eu vi com tortura maxima a terra abandonada, os produtos naturais desaproveitados, as aguas perdidas...

Timor pode ser em proporção o que é Java. Um esforço regular, uma vontade firme e uma permanencia larga, sob a proteção duma Metropole inteligente, podem realizar Timor. Os productos que essa terra maravilhosa nos dá são tão variados, teem tantos aspectos, desde as culturas ricas de cafézeiros, coqueiros, etc., até ao aproveitamento dos mais rasteiros arbustos e humildes plantas para extracção de productos quimicos de variadissimas aplicações industriais e farmaceuticas, que enchendo de interesse e movimento a obra a realizar, não me deixam ver bem por onde começa

Em Timor dão-se bem os mais diferentes tipos de cultura, desde o côco, café, algodão, arroz e productos florestais, etc., das baixas, até ao trigo e pomares de frutas europeas das altitudes frias.

Mas as especies sobre que um Fomento inteligente deve insistir, alem das culturas pobres de legumes e cereais, a ponto da Provincia se bastar a si mesmo são o coqueiro, o cafezeiro, o tabaco, os produtores oleaginosos, tinturiais e de resinas. O pau rosa de tantas aplicações de marcenaria e para extracção de oleo, o sandalo, o algodoeiro, o cacoeiro, talvéz o chá e com toda a atenção as especies de sucos medicinais e venenos. Na intenção de conseguir receitas por imposto indirecto e proporcional é necessário produzir para exportação; e para isso toda a Provincia seria coberta, na terra possível de plantações, das especies mais rendosas, feitas pelo Estado e para o Estado; plantações que depois de estarem em produção seriam vendidas.

Todo o terreno seria em primeiro lugar do Estado e êle só em casos especiais e quando não fosse prejudicado, cederia esse direito. A terra de Timor presta-se à maravilha para coqueirais, e esta cultura é segura porque só dá atenção e trabalho nos primeiros anos, produz depressa e em sete ou oito anos dá já rendimento duma pataca por pé, vendida a copra ao desbarato e sujeita ás oscilações do mercado holandês de Makassare. E, se em Timor ou Macau houvesse industria de aproveitamento da copra, com certeza que o rendimento de cada arvore era incomparávelmente maior. Em Lautem, canto reduzido da Provincia, existe uma planicie imensa chamada de Fuiloro, vasta, larguissima, profunda, toda coberta de capim. Atravessei-a em varios sentidos a cavalo e pude calcular, que dava espaço para uma plantação de varios milhões de pés de coqueiros. Só aí feita essa plantação haveria um rendimento de varios milhões de patacas por ano,

calculado o rendimento duma pataca por pé, e vendida a copra ao desbarato, como já disse. Essa planicie é bastante seca, mas num ponto ou outro, onde recebenta a agua ha grupos de formosos coqueiros de côcos desenvolvidissimos. Se conseguissemos trazer agua a toda a planicie haveria com certeza formosos coqueiros de côcos desenvolvidissimos por toda ela. Ora, na parte mais baixa da planicie, ha um imenso lago, que comunica com o mar em forte caudal pelos declives da contra-costa. Esse forte braço de agua podia mover um motor, que fosse mais abaixo sugar a agua passada a levá-la à planicie e estaria o caso resolvido. Este caso em menor vulto, mas sempre valor apreciavel, repete-se por toda a Provincia.

Se quizessemos plantar em Timor os coqueiros que lá podem crescer só com isso a Provincia estaria realisada contra todas as crises de abundancia e contra todas as deslealdades do comercio.

Eu sei que não é obra para um ano nem para cinco mesmo, mas com a mão de obra chinesa e com a importação de côcos para semente, se fosse necessario, é com certeza para pouco mais. O café na Provincia dá-se tambem muito bem produzindo excelente qualidade, que, por falta de individualidade de Timor, é vendido como café de Java.

Ha grandes plantações de café, principalmente na Hatulia. É necessário que o Estado as faça para administrar, ou para as vender depois de estarem em plena producão. É uma cultura mais dispendiosa, mas que dá resultados bons.

O tabaco, se fôr bem cultivado e principalmente bem manufacturado, viria a ser uma cultura de larga compensação.

Soube até duma interessante tentativa nesse sentido dum missionario da Missão de Loibada e tive ocasião de ver e experimentar no Suro um tabaco,

quasi bom, que o régulo Nai-Sesso ou familia preparava.

Da cultura de produtos oleoginosos de sementes como por exemplo a do camim, de que ás mulheres se servem para brilhantina e que os indigenas usam para archotes e candeias, muitas vantagens vinham para a Provincia se lá houvesse uma industria de oleos. As florestas, hoje entregues ao capricho indigena e das tempestades, apesar das manifestas boas vontades de alguns directores da repartição do Fomento, seriam cuidadosamente tratadas e protegidas.

Que maravilha de madeiras e que desenvolvimento de troncos por lá vi, apesar de tudo! Fazia-me mal aquele abandono e proíbi aos indigenas do meu comando, que voltassem a deitar arvores abaixo sem a minha autorisação, e que por ocasião das queimadas as protegessem mondando o capim até uma certa distancia em volta delas.

Para deitar abaixo uma arvore o timorense faz uma fogueira em volta do tronco junto ao chão, e espera.

Daí por uns dias a arvore cai com estrondo esfarrapando na queda as visinhas maiores e estilhaçando as mais pequenas!

Bem sei que nos Boletins da Provincia ha coisas escritas, paginas completas zelando estes assuntos, mas que importa, se nada se faz, se continua tudo na mesma? As florestas seriam protegidas e cultivadas para que dessem madeira, que tão necessária seria para as construções, para o caminho de ferro, para os estaleiros, para exportação.

A cultura do algodão seria olhada com muito carinho, quer para exportação, quer para gastos da região regional.

Em toda a contra-costa da Provincia se pode cultivar algodão com os melhores resultados, segundo observação directa que fiz. Tambem muito se pode

fazer explorando os venenos, os produtos quimicos dos sucos das plantas, que ha em excesso por toda a ilha. Todas as culturas da ilha seriam fomentadas, sendo minha forte opinião que o Estado deve fazer imensas plantações suas, perto das quais a Direcção das Obras Publicas faria passar, sendo possível, o caminho de ferro e as estradas de que falarei na devida altura, o que muito as iria valorisar.

Depois de feitas as plantações e chegarem a produzir bem é que seriam vendidas a particulares, nacionais, ou estranjeiros. Com os cuidados necessários e o capital realisado bastaria para pagamento do emprestimo contraído no inicio da obra. Tenho a convicção mesmo, que a receita das vendas seria superior ao capital empatado. Mas mesmo que o não fosse, bastava as contribuições e os impostos da exportação dos produtos dessas plantações para garantirem um futuro cheio de abundancia à colonia. Dentro de cada plantação o Estado tambem mandaria construir casas de habitação simples que apesar de baratas as valorisariam imenso.

Em tudo se atenderia sempre aos direitos rasoaveis dos indigenas e as plantações para venda seriam realisadas com inteligencia na seguinte orientação: grandes para sociedades e capitalistas europeus, pequenas para indigenas ou europeus sem grandes recursos. A agua da Provincia seria toda aproveitada em diques, depositos e canais, para irrigações das terras. As forças valiosissimas das quedas de agua, que ha, seriam transformadas em electricidade para electrificação dos caminhos de ferro, para luz e para fabricas. Para realisar esta grande obra de Fomento haveria em Dily, junto do Governador, com a missão da direcção e providencia um engenheiro Director Geral dos Serviços de Agronomia da Provincia, que teria directamente subordinado um tecnico, delegado nos assuntos agrono-

micos e florestais em cada Comando; cada um destes delegados actuaria directamente sobre os chefes dos Postos Agronomicos dos Sub-Comandos, que seriam tambem Directores das Escolas Agricolas Indigenas. Em cada Posto Militar haveria um Fiscal das plantações dos Postos e em cada plantação grande, ou grupos de plantações pequenas, um europeu, Chefe de plantação. Cada um destes cargos teria um numero de auxiliares europeus e indigenas, que fossem julgados necessários.

Alem do que dissemos haveria um engenheiro, que dirigiria superiormente a esploração industrial dos productos naturais e de cultura. Como uma das grandes riquezas de Timor, ainda no sentido da terra, seria a da criação de gados para trabalho, matadouro e industria, que tem de acompanhar o desenvolvimento dos diferentes ramos do Fomento da Provincia, tambem se aperfeiçoariam e desenvolveriam todos os trabalhos de pecuaria com estes dois polos de orientação: conseguir um tipo de cavalo mais corpolento, mais robusto e mais belo, do que o engraçado cavalinho de Timor e fazer terminar pela aplicação e ensinamento claro de regras definidas, de higiene, profilaxia e protecção com as verdadeiras hecatombes, que em caso de epidemia vitimam por centenas, animais de toda a especie.

O cavalo de tiro virá a ter uma aplicação grande com a abertura e construção da rede de estradas, que seria obra desse governo e, alem das necessidades militares e particulares, poderemos pensar na exportação de cavalos principalmente para Moçambique.

A criação de bufalos necessários para transportes, para alimentação e para comercio com o aproveitamento de peles e astes, mereceria cuidado especial, assim como a do gado suino, ovino e caprino. Será aumentada a importação de gado bovino e de vacas

leiteiras, que se dão maravilhosamente em boas altitudes, e digo maravilhosamente, porque em toda a parte se dão, mesmo á beira mar. A contra-costa, costa das pastagens seria escolhida para montagem do Posto Zootecnico e de Criação.

Haveria três postos, ou um conforme as necessidades de momento, ao longo da contra-costa em lugares apropriados. Em Dily residiria o Director Geral dos Serviços de Pecuaria, tendo sob as suas ordens os Chefes dos Postos que seriam tambem directores das Escolas Veterinarias Indigenas, junto das quais haveria um numero necessário de auxiliares europeus e indigenas.

Todas as iniciativas particulares, que tendessem e adequassem ao plano geral desta obra seriam protegidas e auxiliadas pelo Estado, que manteria sobre elas os direitos de fiscalisação

Não considerando as ruas de Dily e a estrada, que conduz do centro da cidade ao bairro europeu de Lahane e um pouco até Comoro, não ha em toda a Provincia um kilometro de estrada, em condições de transito, nem para uma leve carreta.

As estradas de Timor têm sido abertas pelos comandantes militares, que sem recursos nenhuns, nem em material, nem em ferramentas, algumas tentativas interessantes tem feito, mas, quasi sem resultado, por falta de protecção e resistencia, em que elas ficam. Quasi todos os esforços da época sêca desaparecem com as primeiras enxurradas das chuvas. Foi interessante o esforço do comandante Terroso em Aileu, conseguindo no seu Comando, por si só uma rede de estradas e repararei na tentativa do capitão Anibal de Azevedo para uma estrada de brita batida em Lautem.

Emquanto não se resolver o problema das pontes na provincia, nada valerá tentar, porque toda a circulação estará impedida e assim continuarão a fazer-se

as travessias pitorescas por montes, vales e despenhadeiros no curioso cavalinho timorense, cuja resistencia e resignação muito são de notar. Eu recordo com simpatia as horas e horas de cima do cavalo atravez dos Comandos. de baixo da soalheira branca por cumeadas e areias, ora a pino contra as fragas, ora mergulhando na lama das ribeiras!

Mas, como maniacos, ia-mos abrindo estradas nos Comandos, estradas, que as primeiras chuvas levariam... A maior parte das vezes não tinham os comandantes material de ferro para as abrirem e era doloroso ver horas perdidas, trabalho perdido de centenares de indigenas, com alavancas de madeira, com paus aguçados, alavancas de cano de espingarda velha, ôcas e sem resistencia, com marretas feitas de seixos duros, num alarido, numa confusão de formigas tentando inultimente realisar o sonho da viação!

Mas o trabalho fica, terra nova ao lèu, terra ensanguentada, numa fita vermelha por ahi fóra; e ás primeiras chuvadas transformam-se os leitos em pantanos, recortados de sulcos, cobertos de covas, impossiveis para tudo!

Ás vezes surge do seio da terra uma fraga enorme, que é preciso remover, mas como sem haver brocas, nem marretas, nem dinamite? Ou se desvia a estrada, ou então recorre-se ao processo barbaro do indigena, que consiste em acender em volta da fraga uma fogueira imensa, que arde durante dias. A pedra fica a rebentar de calor, cinsenta, manchada, então os indigenas dcspejam-lhe em cima bambus cheios de agua fria, que rechina fazendo estoirar a pedra, que se desfaz em estilhas e cede lentamente em estratos. A fraga parte lentamente, superficialmente, miseravelmente e a fogueira repete-se dias e dias numa lentidão que enerva. E gastaram-se semanas num trabalho, que deveria demorar horas. É tudo assim por lá!... Eu vi em Java

no interior, em identidade de terra e de clima, estradas maravilhosas, perfeitas, de leitos impermeabilisados com piche, de valetas cuidadosas, dando vasão ás enxurradas, com aquedutos, obras de arte, protecção de muros, ou grades nos cotovelos perigosos.

Poderemos abrir em Timor estradas, como as de Java: a estrada facil de circulação da Ilha, insistentemente á beira mar, estradas militares raionando de Dily em todas as direções, estradas militares raionando das sédes dos Comandos, estradas municipais partindo das sédes dos Sub-Comandos para os Postos, formando uma rêde perfeita de comunicações. O problema da passagem das ribeiras, que na época das chuvas incham tão caudalosamente seria convenientemente estudado podendo pôr-se de parte a ideia de passagens de agua com leitos de cimento, que fraco resultado dariam, a meu ver, por efeito da força da agua e do arrasto de troncos e detritos, que as tornariam muito perigosas e fixarmo-nos em construções de pegões de cimento, ou de metal com a espessura necessaria.

Construir-se-ia um caminho de ferro de via redusida a todo o comprimento da Provincia, partindo longitudinalmente da sede do Comando de Oeste. Esta linha ferrea passaria ao sul das alturas maiores do centro da Ilha, de modo a ficar mais proximo da contra-costa, diminuindo assim o inconveniente da dificuldade de transporte por mar dessa costa em certas épocas do ano. De Dily partiriam em V duas outras linhas, com um dos ramos dirigido ao sul de Cova-Lima e outro ás regiões mineiras de Viqueque. Todas estas linhas ferreas seriam electrisadas com a electricidade resultante do aproveitamento das quedas de agua.

A exploração mineira seria realisada com a maior intensidade. Existem em Timor grandes riquesas mineiras, desaproveitadas, de petroleo e carvão e por to-

da a Provincia vestigios de ferro e outros minerios e num sitio e n'outro, de ouro. O carvão e o ferro seriam aplicados lá e o petroleo, que é de boa qualidade serviria para os gastos da Provincia, para navegação e para industria e exportação. Tambem se explorariam com insistencia os produtos mineraes do mar, calcareos, coraes, perolas.

Formar-se-ia a industria de cimentos, tijolos, telhas e olarías aproveitando inteligentemente os produtos magnificos dos sub-solos.

Na construção de estradas e vias ferreas atender-se-ia o mais possivel aos interesses das necessidades militares e do estado fazendo-as passar proximo quanto possivel das plantações.

Para a realisação rapida e perfeita desta obra dividir-se-iam os serviços da seguinte forma:

Em Dily haveria junto do Governador um Director Geral dos Serviços de Obras Publicas e Minas talvez um oficial de engenharia, tendo sob a sua ordem imediata o chefe da brigada de realisação das estradas de macadam, o chefe da brigada de realisação dos caminhos de ferro, o chefe da brigada de realisação de edificios publicos, o chefe da brigada de exploração de produtos mineiros, sendo todos tambem oficiais de engenharia e arquitectos, tendo subordinados todo o pessoal militar necessario para a realisação perfeita dos serviços.

O chefe da brigada de realisação das obras dos portos e dos estaleiros navaes, e o chefe da brigada de exploração dos productos mineraes do mar, estariam subordinados ao Capitão dos Portos e Navegação.

Não haveria nunca deficiencia de material ou de pessoal, quer de direcção, quer de acção.

Todo o serviço de oficinas de produção, de reparação e de industrialisação seria devidamente montado.

A construção de edificios publicos mereceria toda

a atenção, fazendo belesa, resistencia e comodidade, sendo talvez adoptado para residencias no interior mais o *bungalow*, que o tipo holandês.

A bellissima e abrigada baía de Dily seria desaçoriada com dragas e dinamite, de modo a desaparecer a restinga inutilisante, que hoje a tapa, quasi por completo, por efeito do desenvolvimento dos bancos de coral vivo.

Formar-se-ia uma serie de acostaveis em toda a volta de maravilhoso recorte da baía. Depositos, caes, angars, armazens, estender-se-iam pela planicie de Dily até á encosta. Seriam abertos á produção grandes estaleiros navaes para a construção de barcos de navegação costeira e de longo curso á vela ou a vapor.

A Provincia mesmo hoje com a minima assistencia aos indigenas, que nenhuma pedem. contentando-se com os seus processos e com os seus curandeiros, não tem um Serviço de Saude, que baste ás necssidades normaes.

O medico chamado por necessidade urgente, de verão demora muito e no tempo das chuvas não pode chegar junto do doente, se encontra pela frente alguma dessas ribeiras que não tem ponte nem passagem. E ele lá morrerá sem assistencia medica, se a doença fôr para isso, que nos Comandos só existem meia duzia de frascos com medicamentos velhos e um enfermeiro preto que olha para eles como boi para palacio... Por outro lado, como só ha caminhos de cabras, que nem de cavalo são, o doente, se precisa de hospitalisação rapida, tem de vir por ahi abaixo até Dily incomodamente, numa cadeira, ás costas dos pretos, sujeito a chuvas, ventos, trambulhões... Eu sei, que não se tem dado muitos casos de desastres por estas causas, o que simplesmente atribuo á protecção da Providencia aos desgraçados, que vivem no interior da Provincia, sujeitos a todos os acasos e perigos duma

terra selvagem; mas alguns se teem dado, mesmo fataes, com morte de europeus sem assistencia—e quem sabe se com ela se salvariam!?...—Senti por mim mesmo o interesse, o cuidado, até exagerado, dos medicos de Timor em cumprirem em remediarem tudo, mas sei que isso não basta por mais esforços e boas vontades, que façam ou tenham.

Conviria, talvez, modificar a atual organisação dos Serviços de Saude da seguinte forma:

Haveria em Dily o Chefe dos Serviços de Saude, tendo subordinados um Sub-Chefe de Serviço em cada Comando. Ficaria, tambem, na capital, um Hospital com enfermarias para europeus e indigenas e quartos particulares para europeus, tendo como Director o Chefe dos Serviços de Saude e nele fazendo serviço por escala dois medicos, os tres acumulando com o serviço da cidade e guarnição.

Nas altitudes do Comando do Centro construir-se-ia um Hospital Militar, com todos os requisitos modernos, salas de operações, pavilhões de isolamento para doenças infecciosas etc. e um pavilhão gabinete de batereologia para estudo de doenças desconhecidas, como por exemplo as bobas e a doença de pele dos cascados. Construir-se-ia tambem a Maternidade para parturientes indigenas. Edificar-se-ia em boa altitude um sanitario, onde todos os europeus se iriam desempaludar passados alguns anos de serviço. Em toda a parte haveria o pessoal medico e de enfermagem necessario. O serviço de saude e higiene dos Sub-Comandos seria feito por medicos dos Comandos: No Comando de Oeste alem do Sub-Chefe dos Serviços, que era o director do Hospital-Enfermaria, que se crearia junto das unidades desse Comando, haveria dois medicos fazendo o serviço dos Sub-Comandos e a assistencia nas Termas de Marôbo, cujo estudo terapeutico já está feito. No Comando de Leste have-

ria organisação semelhante, sendo encarregado um dos medicos do estudo das aguas termaes de Viqueque. Em cada Sub-Comando haveria enfermeiros europeus e em cada Posto enfermeiros indigenas. Em todos os logares necessarios haveria ambulancias bem fornecidas de medicamentos. Haveria tambem ambulancias acompanhando depois de certa distancia da séde, as brigadas de realisação dos serviços.

Alem da Farmacia de Dily, haveria no Comando do Centro outra, especialmeute para manufatura e produção de medicamentos, com um laboratorio para estudo das substancias quimicas da Provincia. Junto dos hospitaes haveria escolas de emfermagem. Alem de todo o material sanitario haveria auto-macas e *camions* para transporte de doentes.

O Secretario Géral seria o inspector dos serviços de instrucção da Provincia. A instrução seria ministrada pelos missionarios portugueses nas escolas masculinas e por prefessoras europeias e indigenas nas escolas femininas.

A lingua obrigatoria seria o tetum pelas razões, que expuz noutra parte do livro. A instrução seria rapida e os alunos transitariam para as escolas agricolas, de artes e oficios. Nas escolas femininas alem do tetum e de conhecimentos moraes ensinar-se-hia ás mulheres trabalhos de lar e de higiene.

Uma comissão de missionários adaptaria os livros de instrução nesse sentido. Em Dily fundar-se-hia um recolhimento, para educação de meninas, tendo preferencia as orfãs. Junto das Missões haveria Casas de Orfãos e tambem se construiria em sitio estudado um Asilo para Invalidos, repartido convenientemente para ambos os sexos.

Nas escolas, alem do desenvolvimento fisico, moral e intelectual dos alunos, desenvolver-se-lhes-hia o gosto pela musica, realisando orfeons.

O Estado protegeria com liberalidade tudo e poderia auxiliar cursos na metropole de alguns indigenas, fundando-se para isso, junto da missão de Dily uma Escola Preparatoria de Cursos na Metropole, onde se faria o estudo cuidadoso do caracter dos alunos deixando-os ou não continuar...

Os Serviços de Fazenda seriam dirigidos superiormente pelo Diretor Geral dos Serviços de Fazenda e teriam como subordinados os europeus necessarios.

A séde seria em Dily, junto do Governador e haveria tres Secretarías dependentes da Direcção Geral, sendo uma em cada Comando. Estas Secretarías por intermedio do major-comandante estariam em ligação com os Sub-Comandos, que teriam funções de Delegados de Fazenda e seriam os fiscaes das receitas do Estado.

Na capital da Provincia haveria o juiz da Comarca e o delegado continuaria a ser o Curador dos indigenas. Os comandantes dos Sub-Comandos continuariam a ser os juises de paz e resolveriam permanentemente as questões vulgares dos indigenas.

Continuamente se vê que — se importará ter o maior cuidado na escolha dos funcionarios-chefes, que dirigirão e impulsionarão toda a actividade da Provincia, de modo nenhum poderemos deixar de ter cuidado na escolha de funcionarios subordinados, porque, se não forem perfeitos deturparão e inutilisarão, sem a transmitirem, toda a força, que até eles chegue, vinda de cima.

Haveria em Dily um tribunal e em logar melhor, nas encostas sobranceiras, uma cadeia com as melhores condições de higiene, em Atauro um deposito de degredados e pela Provincia diversos Depositos Penaes Agricolas para indigenas. A justiça militar exerceria por intermedio da Repartição Militar e construir-se-ia, talvez no Comando do Centro um Presidio Militar.

Em Dily continuaria o Chefe dos Serviços de Correios e Telegrafos, tendo como subordinados em cada Comando um Sub-chefe de Serviços e em cada Sub-Comando um Chefe de Estação.

Nos Postos Militares, em que fosse necessario, haveria estações de segunda e terceira ordem. A rede telefonica seria aperfeiçoada e abrir-se-ia uma rede telegrafica militar ligando exclusivamente Dily ás sédes dos Comandos e Sub-Comandos. Em Dily e nas Sédes dos Comandos haveria tambem postos de telegrafia sem fios.

Nos Serviços de Alfandega cuja importancia seria imensa com o desenvolvimento da importação introdusir-se-iam as modificações que fossem julgadas necessarias.

Haveria um Diretor Geral dos Serviços Aduaneiros, um Diretor da Alfandega de Dily, que teriam à sua volta o pessoal, que fosse necessario para perfeito funcionamento dos Serviços. Em todos os portos de cabotagem haveria delegados aduaneiros, que seriam os comandantes dos Sub-Comandos, como fiscaes de confiança das receitas e dos interesses do Estado. Todas as maquinas, alfaias agricolas, utensilios e tudo o que se destinasse a auxiliar esta obra de realisação da Provincia seriam isentos de todos os direitos, as pautas seriam modificadas e todas as alterações, que os tecnicos e o Governador achassem convenientes, seriam introdusidas e entrariam imediatamente em vigor.

Na planice pantanosa de Dily, não obstante as obras de higiene que se executariam, seria abandonada simplesmente aos edificios publicos, que não conviesse mudar, como alfandega, caes, correios, capitania dos portos etc. fugindo todos os outros, assim como as residencias dos funcionarios e particulares, para a beleza e salubridade das montanhas sobranceiras, formando uma elegantissima capital nas alturas de Dare, que es-

taria nas mais faceis ligações com o porto e com toda a Provincia.

Os grandes trabalhos da Provincia iniciar-se-hiam ao mesmo tempo, no sentido que disse e na maior força.

Tenho a certesa que num praso maximo de quinse anos tudo estaria realisado e numa intensidade maxima de produção!

Que os olhos que viram Java me dispensem a descrição, que eu quereria fazer, mas que seria imperfeita! Estradas por todos os lados com *camions* de trabalho e automoveis de *touristes*, carros de passeio, carros de transporte, locomotivas silvando nas alturas! A flora intensa, selvagem, féra, verde, dos tropicos, domesticada em plantões, em planuras, em socalcos! A paisagem pintada de manchas claras de povoações europeias e indigenas á sombra abençoada dos tamarindos e camineiros! Tudo plantado, tudo a produzir!

E, aqui e acolá, num gesto de força, rompendo o ar canos de fabricas na terra, canos de barcos no mar em demanda do porto-maravilha!

O indigena seria tratado com toda a amisade, mas tambem com toda a insistencia, com o fim de o desenvolver no sentido pitoresco dos seus habitos, completados com mais beleza e mais perfeição. As suas tradições seriam respeitadas e apenas influenciadas ao nosso modo, quando assim conviesse.

Crear-se-hia um tipo de aldeia indigena indo buscar á sua religião, á sua arte, á sua tradição, os motivos com que realisar uma obra de beleza, higiene e comodidade, por assim dizer civilisação. Mas eu não quero que confundam pensando que eu quereria pelo mato aldeias portuguesas! Não! Eu apenas quero que os habitos e as tradições dos indigenas se modifiquem no que têm de prejudicial e de inestetico!

O Governador seria continuamente: não só o chefe

das Forças de Terra e Mar, como o orientador e impulsionador de toda a acção e protector sempre atento ás necessidades materiaes e moraes de europeus e de indigenas.

Deverá ser um exemplo continuo de Força, Bondade e Inteligencia, creando á sua volta um ambiente carinhoso, que realise a mais perfeita harmonia e a maior fraternidade na Colonia. Sempre presente em todas as almas, em todas as necessidades, em todas as amarguras promoveria por intermedio dos seus ajudantes grandes festas nacionaes e regionaes da maior pompa, alem de permanentemente realisar á sua volta uma serie de festas e divertimentos, que unissem todos, amaciando os espiritos irritados pelo clima, que fossem preparações e incentivo para o trabalho intenso e produtivo.

Deverá ser, na verdadeira acepção um chefe e assim, sem esforço, tudo realisará. Todo o pantano europeu de intrigas, politiquice, má-lingua, que os maus governadores tão miseravelmente teem mantido e excitado desaparecerá e ao sol quente dos tropicos—vilas relampejando de frontarias brancas, arvores em labareda de flores—o sofrimento de exilio só será mantido por fatalidade e orgulho da Raça em grito continuo dentro das almas!

São horas de acabar: São Julião da Barra, tres horas da manhã...

O luar nas esplanadas, branco como um palhaço empoado, lambe tudo, escorre como uma vertigem, crucificando-se nas grádes, espreitando nas guaritas de pedra desbruçando-se das muralhas e criando uma silhueta mortificada em volta do soldado-sentinela. O soldado scisma... O luar ilumina fantasmas na sua alma que ele não compreende, mas que lhe não fazem medo. O soldado scisma, parado, sonambulo... E os

fantasmas da Raça continuam a encanta-lo, erguendo-se teimosos dentro da alma. É por este espectaculo que eu tenho fé: — dentro de cada soldado ha as figuras da Raça, erguidas como exemplos e eles hão-de percebe-las, hão-de segui-las, quando os Chefes lhas explicarem bem.

Que até lá se conservem acarinhados dentro das almas os Fantasmas, que eles voltarão a ser a Atitude, o Sangue, a Força, que hão-de criar a nossa atitude, inflamar o nosso sangue irritar a nossa força para a Jornada Altissima de Conquista que a Bandeira da Raça comandar!

Torre de São Julião da Barra

Setembro de 1922.

BIBLIOTECA DE ACÇÃO NACIONALISTA

I — **A Revolução Nacionalista,** por *João de Castro.*

II — **Timor Fantasma do Oriente,** por *Antonio Metello.*

A SAÍR:

III — **Um Ano de Ditadura,** discursos e alocuções de *Sidónio Pais.*

IV — **Organização Social,** por *João de Castro.*

V — **O Rei e o Povo,** paginas politicas de *Oliveira Martins.*

VI — **Organização Municipal,** por *Henrique Osorio de Castro.*

VII — **O Plano de Fomento do Nacionalismo.**

OBRAS DE CRITICA SOCIAL

— **Ditadura Nacional,** por *João de Castro.* — A saír do prelo.

— **Leis e Decretos,** de *Oliveira Martins,* compilados, anotados e prefaciados por *José Osorio de Oliveira.* — Em preparação.

— **A Educação e a Nacionalidade,** por *Artur de Oliveira Ramos.*

METELO (António). Oficial do Exército e publicista, n. em Barrô (Resende) a 13-IX-1896 e m. em Lisboa a 18-XI-1946. Assentou praça em 1917 como voluntário, no Corpo de Alunos da Escola de Guerra, depois de concluir os preparatórios e de ter cursado três anos na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Após a conclusão do curso da arma de infantaria foi promovido a alferes em 30-III-1918. Serviu na colónia de Timor desde Setembro de 1919 a 3-X-1921, tendo exercido o comando dos postos militares de Suro e Lautém-Sul, da Companhia Indígena de Infantaria Expedicionária de Moçambique. Promovido a tenente em Maio de 1924, entrou em licença ilimitada, ingressando na Companhia dos Diamantes de Angola, onde esteve durante nove anos. Ali exerceu o lugar de chefe dos serviços da repressão do tráfico ilícito de diamantes, da disciplina da mão de obra, dos indígenas e das relações com as autoridades. Em 1939 voltou à efectividade do serviço militar, passando à reserva. Serviu na Comissão de Censura nos períodos de 1926 a 1930 e de 1940 a 1946. Foi adjunto do director do Centro de Inquérito Assistencial, desde o seu início até à data da sua morte. Escreveu: *Timor, Fantasma do Oriente*, Lisboa, 1922, e o opúsculo *A Vida Social nas Colónias*, Lisboa, 1945. Deixou completamente realizadas, mas inéditas, as obras dramáticas: *Justiça de Deus*, *Do Mesmo Barro*, *Ascensão*, *Paralelas* e outras, além de obras de poesia lírica. Era condecorado com a medalha de prata da classe de Bons Serviços, com louvor em *Ordens do Exército*, medalha militar da classe de Comportamento Exemplar e cavaleiro da Ordem Militar de Avis. Colaborou em muitas revistas e jornais portugueses; assìduamente no *Boletim Geral das Colónias*, onde fazia a crónica da vida colonial na Metrópole; na revista *Mundo Português*, com algumas memórias da sua vida na Lunda (Angola) e outros trabalhos; no jornal *Portugal* manteve, em 1927, a secção de polémica intitulada *Rajadas*. Escreveu para os jornais *A Voz*, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*, *Vitória*, *Acção*, etc.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira